

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

MARIANA FRALETTI DE POLLI

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA:
UM ESTUDO SOBRE CONGRUÊNCIA ENTRE PAIS E FILHOS

CAMPINAS

2025

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS

ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA A

MARIANA FRALETTI DE POLLI

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE CARREIRA:
UM ESTUDO SOBRE CONGRUÊNCIA ENTRE PAIS E FILHOS

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Escola de Ciências da Vida, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, como exigência para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof.º Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel

CAMPINAS

2025

Sistema de Bibliotecas e Informação - SBI
Gerador de fichas catalográficas da Universidade PUC-Campinas
Dados fornecidos pelo(a) autor(a).

P774a	Polli, Mariana Fraletti de Avaliação Psicológica em Orientação Profissional e de Carreira : um estudo sobre congruência entre pais e filhos / Mariana Fraletti de Polli. - Campinas: PUC-Campinas, 2025. 118 Orientador: Rodolfo Augusto Matteo Ambiel. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Escola de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2025. Inclui bibliografia. 1. Avaliação Psicológica. 2. Orientação Profissional e de Carreira. 3. Psicologia clínica. I. , . II. Ambiel, Rodolfo Augusto Matteo. III. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Escola de Ciências da Vida. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. IV. Título.
-------	--

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS
ESCOLA DE CIÊNCIAS DA VIDA
PROGRAMA DE GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM PSICOLOGIA

MARIANA FRALETTI DE POLLI

AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA EM ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL E DE
CARREIRA: UM ESTUDO SOBRE CONGRUÊNCIA ENTRE PAIS E FILHOS

Dissertação defendida e aprovada em 23 de junho de 2025 pela Comissão Examinadora



Prof. Dr. Rodolfo Augusto Matteo Ambiel

Orientador da Dissertação e Presidente da Comissão Examinadora

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)



Profª. Drª. Letícia Lovato Dellazzana Zanon

Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

Documento assinado digitalmente
 ANA PAULA PORTO NORONHA FAGUNDES
Data: 21/07/2025 09:17:50-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Profª. Drª. Ana Paula Porto Noronha

Universidade São Francisco (USF)

Dedicatória

À todos os adultos, jovens, adolescentes e pais que confiaram em meu trabalho e que
buscam sua melhor versão no mundo.

AGRADECIMENTOS

Não se faz um mestrado sozinha, e que sorte a minha ter contado com tantas pessoas especiais nessa trajetória. Por trás de cada etapa desse processo, houve encontros, reajustes, inquietações, dúvidas, alegrias e tantos outros afetos que me atravessaram ao longo dessa jornada. Não sei se consigo ordenar a quem devo agradecer primeiro, então seguirei em ordem cronológica:

Aos meus pais, meu primeiro contato social e afetivo neste mundo, agradeço por valorizarem o estudo, a aprendizagem, por ensinarem sobre equilíbrio e bem-estar, e por sempre incentivarem minhas escolhas, escolhas que desenharam minha trajetória pessoal, acadêmica e profissional.

Aos meus irmãos, que são mais novos (mas todos já velhos!), agradeço por me fazerem sustentar, dia após dia, a autorregra de ser um bom exemplo.

Ao meu, antes professor em 2010 e hoje orientador, Professor Doutor Rodolfo Augusto Matteo Ambiel. Esta dissertação é a festa de debutante de um projeto que você influenciou profundamente. Que gratidão imensa por ter feito do meu mestrado uma das formações mais gostosas, sensíveis, divertidas e importantes da minha vida.

Ao Gui, meu marido amado, que confia tanto na minha capacidade. Se não fosse você, me encorajando a seguir apaixonada pela Psicologia, pelo meu trabalhar e estudar, com toda certeza essa etapa não teria acontecido. Você foi fundamental.

Às amigas do crossfit, amigos da clínica, amigos de trabalho, que, desde que comentei sobre a possibilidade do mestrado, disseram imediatamente, sem nem perguntar o porquê: “Faça!”.

Às amigas mestrandas do grupo, às amigas graduandas da iniciação científica, às amigas mestrandas *potterhead*: que delícia foi compartilhar manhãs, almoços, tardes e passeios com

vocês. A convivência social, as trocas, as risadas e, mais do que tudo, as identificações e o espaço para a vulnerabilidade foram o respiro necessário para que tudo continuasse sendo bom.

A todos os docentes do programa de pós-graduação com quem tive aula: que potência! Obrigada. Saí diferente de cada aula, saí reflexiva, incomodada, agradecida.

Aos professores da banca de qualificação, Prof^a Letícia Lovato Dellazzana-Zanon e Prof. Dr. Makilim Nunes Baptista, por todo acolhimento, contribuição e generosidade. Cada orientação foi ouvida com muita atenção, carinho e admiração.

E agradeço, por fim, a todas as forças maiores, sejam elas quais forem, por eu não ter passado por esse mestrado sozinha. Eu ganhei muito.

RESUMO

Diante das demandas clínicas vividas por profissionais da Orientação Profissional e de Carreira (OPC), especialmente no que se refere à necessidade de maior aproximação entre adolescentes e seus responsáveis durante o processo de escolha profissional, este estudo investigou a influência das relações familiares nesse contexto. A proposta também visou contribuir para a ampliação da produção de estudos com abordagem clínica, articulando instrumentos quantitativos e estratégias qualitativas na avaliação psicológica em OPC. Os objetivos incluíram: compreender o quanto os filhos conhecem sobre o trabalho dos pais; comparar os relatos dos pais com os níveis de indecisão profissional dos filhos; examinar a relação entre responsividade e exigência parental e sua possível associação com a congruência entre interesses profissionais; e investigar o processo de construção desses interesses em ambas as gerações. Participaram duas díades mãe-filha, com adolescentes matriculadas na 3ª série do ensino médio de escolas particulares do interior do estado de São Paulo. Foram utilizadas as escalas Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP), Escala de Congruência entre Pais e Filhos para Escolha profissional (ECPF-EP), Escala Andante de Indecisão de Carreira (EAIC) e Escala Andante de Interesses Profissionais (EAIP), além de entrevista semiestruturada e da técnica Escores Transformados em Histórias (ETH). Os resultados evidenciaram que a família exerce influência significativa na escolha profissional, seja por meio de opiniões, pressões, atitudes sutis ou simbólicas. As adolescentes demonstraram consciência sobre o significado do trabalho, reconheceram o apoio materno como elemento importante em suas escolhas e apresentaram altos índices de congruência complementar e suplementar. Embora ambas tenham níveis médios de indecisão, diferenças individuais indicam modos distintos de lidar com o processo de escolha. As relações parentais marcadas por responsividade favoreceram o diálogo e a construção de sentido em torno do trabalhar, mais do que a reprodução direta de interesses profissionais semelhantes entre mães e filhas. A surpresa das mães diante da pergunta sobre o significado do trabalhar, para a qual não tinham respostas prontas, evidenciou o quanto essa temática costuma ser pouco elaborada no cotidiano familiar. Observou-se que as mães apresentaram maior repertório reflexivo ao comentar seus interesses, o que pode estar relacionado à trajetória de vida e à função narrativa da memória autobiográfica na vida adulta. Valores familiares emergiram como aspectos centrais na construção dos projetos de vida, especialmente no que se refere à busca por satisfação pessoal e segurança financeira. A participação ativa de ao menos um dos responsáveis no processo de orientação profissional mostrou-se promissora, podendo ampliar o autoconhecimento do(a) adolescente e enriquecer a prática do(a) psicólogo(a) orientador(a).

Palavras chave: Orientação profissional e de carreira, congruência, exigência, responsividade, relação parental

ABSTRACT

Given the clinical demands experienced by professionals in Career and Vocational Guidance (CVG), especially regarding the need for closer engagement between adolescents and their caregivers during the career decision-making process, this study investigated the influence of family relationships in this context. The study also aimed to contribute to the expansion of clinical research by integrating quantitative instruments and qualitative strategies within psychological assessment in CVG. The objectives included: understanding how much adolescents know about their parents' work; comparing parents' reports with their children's levels of career indecision; examining the relationship between parental responsiveness and demandingness and its possible association with congruence in vocational interests; and investigating how these interests are developed across generations. Two mother-daughter dyads participated in this study, with the adolescents enrolled in the third year of high school at private schools on cities of São Paulo state. The following instruments were used: *Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP)*, *Escala de Congruência entre Pais e Filhos para Escolha Profissional (ECPF-EP)*, *Escala Andante de Indecisão de Carreira (EAIC)*, and *Escala Andante de Interesses Profissionais (EAIP)*, in addition to a semi-structured interview and the Taking a Test is Telling Stories (TTS) technique. The results showed that family has a significant influence on career choice, whether through opinions, pressures, or more subtle and symbolic attitudes. The adolescents demonstrated awareness about the meaning of work, recognized maternal support as an important element in their choices, and showed high levels of both complementary and supplementary congruence. Although both presented medium levels of indecision, individual differences indicated distinct ways of dealing with the decision-making process. Parent-child relationships marked by responsiveness favored dialogue and the construction of meaning around working, more so than the direct reproduction of similar career interests between mothers and daughters. The mothers' surprise when asked about the meaning of working, an issue for which they had no ready answers, revealed how seldom this theme is explored within family routines. Mothers showed more developed reflective repertoire when discussing their interests, which may be related to their life histories and the narrative function of autobiographical memory in adulthood. Family values emerged as central aspects in the construction of life projects, especially regarding the pursuit of personal fulfillment and financial security. The active participation of at least one caregiver in the career guidance process proved to be promising, with the potential to enhance the adolescent's self-knowledge and enrich the psychologist's professional practice.

Keywords: Career guidance and counseling, congruence, demandingness, responsiveness, parental relationship

Sumário

INTRODUÇÃO	14
MÉTODO	33
Participantes	33
Instrumentos	34
Procedimentos	37
Análise de dados	40
RESULTADOS	41
Avaliação 1 - Díade 1:	41
Síntese das entrevistas	46
Síntese Díade 1 - Participante B e mãe	60
Avaliação 2 - Díade 2:	61
Síntese das entrevistas	65
Síntese Díade 2 - Participante Rosa e mãe	78
DISCUSSÃO	80
CONSIDERAÇÕES FINAIS	90
REFERÊNCIAS	97
ANEXOS	103
Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	103
Anexo 2 – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE RESPONSÁVEIS)	107
Anexo 3 - TERMO DE ACEITE LIVRE E ESCLARECIDO (TALE ADOLESCENTE)	109
Anexo 4 - Questionário Sociodemográfico - RESPONSÁVEL	111
Anexo 5 - Questionário Sociodemográfico - ADOLESCENTE	112
Anexo 6 - Escala de Congruência entre Pais e Filhos sobre a Escolha Profissional - ECPF-EP	113
Anexo 7 – Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP)	114
Anexo 8 - Escores Transformados em Histórias - ETH	116

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Resultado da Escala de Exigência e Responsividade Parental (EREP) e da Escala de Congruência entre Pais e Filhos para Escolha Profissional (ECPF-EP) Participante B	41
Tabela 2. Resultado da escala de Exigência e Responsividade Parental (EREP) e da Escala de Congruência entre Pais e Filhos para Escolha Profissional (ECPF - EP) da Participante Rosa	61

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1.</i> Quadrante do resultado da escala de Exigência e Responsividade Parental (EREP) da Participante B	42
<i>Figura 2.</i> Quadrante do Resultados da Escala de Exigência e Responsividade Parental (EREP) da Participante Rosa	61

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Resultados da Escala Andante de Indecisão de Carreira da Participante B	44
Gráfico 2. Resultados da escala Andante de Interesses Profissionais da Participante B e sua mãe	46
Gráfico 3. Resultados da escala Andante de Indecisão de Carreira da Participante Rosa	63
Gráfico 4. Resultados da EAIP da Participante Rosa e sua mãe	65

APRESENTAÇÃO

Esta pesquisa se justifica pela relevância em compreender as dinâmicas familiares e suas influências nas escolhas profissionais dos adolescentes, decisões que impactam profundamente o futuro dos indivíduos, de suas famílias e da sociedade. Ao investigar a congruência entre pais e filhos no que diz respeito ao trabalho e à carreira, bem como as relações de exigência e responsividade parental, o estudo busca evidenciar como essas interações familiares contribuem para a construção de interesses e para o processo decisório dos jovens.

Os resultados desta pesquisa poderão gerar contribuições significativas para a área de Orientação Profissional e de Carreira, especialmente quando aplicada ao contexto familiar. Ao identificar padrões e influências no interior das díades, torna-se possível propor novas estratégias de intervenção, tanto em ambientes educacionais quanto clínicos, que valorizem o diálogo intergeracional, promovam maior comunicação sobre expectativas e interesses, e considerem os aspectos narrativos envolvidos na construção da identidade profissional. Essa perspectiva integrativa pode servir de base para o desenvolvimento de programas de orientação que levem em conta o papel das expectativas parentais, trabalhando para equilibrar essas influências com os desejos e aptidões dos jovens. Dessa forma, contribui-se para a promoção de escolhas mais autônomas, conscientes e alinhadas aos projetos de vida dos adolescentes.

Para além da justificativa técnica, há também um percurso pessoal e profissional que sustenta esta pesquisa. O tema da Orientação Profissional me desperta interesse desde a graduação, talvez porque eu mesma sentisse que teria me beneficiado muito desse tipo de acompanhamento em minha trajetória. Há mais de uma década, minha atuação profissional está voltada à escuta das questões relacionadas ao trabalho, e, há mais de cinco anos, trabalho

especificamente com processos de Orientação Profissional e de Carreira. Ao longo desse caminho, busquei formações específicas na área, participei de cursos e mentorias, e fui, pouco a pouco, construindo minha prática.

Mesmo com esse percurso, fui percebendo algo que me inquietava: nos processos de OPC com adolescentes, apenas o orientando era o foco de investigação. No entanto, escutando seus relatos, surgiam com frequência referências às expectativas, aos medos, às crenças e à noção de apoio ou de cobrança, atribuídas aos pais. Comecei, então, a me perguntar como essas relações familiares atravessavam o processo de escolha, ainda que de forma indireta. Sem a intenção de misturar os papéis dentro da intervenção, senti a necessidade de compreender, por meio de relatos e percepções, como essas histórias se conectam e influenciam as decisões dos adolescentes. Esta pesquisa nasce, portanto, do encontro entre uma inquietação pessoal e um compromisso profissional com uma prática mais sensível, ampla e coerente com as múltiplas dimensões que compõem o "trabalhar" na vida de alguém.

INTRODUÇÃO

A percepção das diferenças entre a adolescência, a infância e a vida adulta é, sob uma perspectiva histórica, relativamente recente. A adolescência pode ser compreendida como uma etapa de transição cujas características e significados estão profundamente ligados aos contextos históricos, sociais e culturais em que se insere. Longe de ser uma experiência universal e biologicamente determinada, sua definição e vivência variam conforme o tempo, o espaço, os valores de uma sociedade, bem como fatores como gênero, grupo social e geração. Assim, embora muitas vezes se proponha a ideia de uma adolescência única e universal, trata-se, na verdade, de uma construção cultural que assume formas diversas em diferentes contextos (Martins et al., 2003; Moraes & Weinmann, 2020).

Na Idade Média, a infância era compreendida como uma fase de total dependência dos adultos, especialmente das mães ou avós. A partir do momento em que a criança já não necessitava desses cuidados, por volta dos sete anos, ela passava a ser tratada como um “adulto em miniatura”, sendo inserida nas atividades da sociedade e assumindo responsabilidades próprias da vida adulta. Nesse período, tanto a infância quanto a adolescência não eram reconhecidas como fases distintas do desenvolvimento humano (Grossman, 2010; Moraes & Weinmann, 2020).

Nos séculos XVI e XVII, jovens oriundos de comunidades rurais eram vistos como plenamente aptos ao trabalho e à guerra, reforçando a ausência de uma concepção diferenciada da juventude. Foi apenas entre os séculos XVII e XVIII, com os movimentos do Iluminismo e do Protestantismo, que emergiu uma preocupação mais evidente com a infância e a adolescência. Nessa época, o Estado passou a exercer maior controle social, ao mesmo tempo em que proporcionava à população mais acesso à educação, à alfabetização e a novas formas de religiosidade. Esses fatores contribuíram para que a família passasse a ser

entendida não apenas como uma unidade econômica, mas também como um espaço de afetividade entre pais e filhos, promovendo uma mudança significativa na forma de compreender o desenvolvimento humano (Grossman, 2010; Moraes & Weinmann, 2020).

No século XIX, a redefinição dos papéis sociais passou a demarcar marcos específicos de transição à vida adulta, como a primeira comunhão, o bacharelado ou o serviço militar para meninos, e a comunhão e o casamento para meninas. A infância começou a ser reconhecida como uma etapa do desenvolvimento, e a adolescência, especialmente entre as elites, foi prolongada devido à ampliação da escolarização. Essa “juventude disciplinar”, moldada pela família burguesa e pelo controle institucional, passou a ser rigidamente monitorada. A consolidação da adolescência como fase distinta da infância e da vida adulta ocorreu entre os séculos XIX e XX, impulsionada pela queda da mortalidade infantil, pelas mudanças no trabalho e pela expansão da educação obrigatória (Grossman, 2010; Moraes & Weinmann, 2020).

Embora a puberdade possa funcionar como um marcador biológico da adolescência, a forma como essa transição é vivida e nomeada varia conforme as definições culturais atribuídas a ela. Por isso, pode ser mais adequado referir-se a "adolescências" no plural, pois se trata de construções sociais diversas, que assumem significados distintos de acordo com as práticas, normas e discursos de cada contexto cultural (Moraes & Weinmann, 2020).

Ainda assim, o conceito de adolescência permanece atravessado por diferentes definições quanto à sua delimitação etária. A Organização Mundial da Saúde (OMS), seguida pela Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS), define a adolescência como o período entre 10 e 19 anos de idade, subdividindo-a em três fases: adolescência precoce (10 a 13 anos), adolescência média (14 a 16 anos) e adolescência tardia (17 a 19 anos). Já a juventude é compreendida como o intervalo entre 15 e 24 anos, permitindo que parte da adolescência e

da juventude coexistam no mesmo sujeito em diferentes aspectos do desenvolvimento (OPAS, 2018).

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) adota recortes etários que variam conforme o objetivo da pesquisa. Em consonância com a Política Nacional de Juventude, o IBGE frequentemente considera jovens aqueles entre 15 e 29 anos (IBGE, 2015). A Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP), por sua vez, adota a definição da OMS e considera adolescente o indivíduo entre 10 e 19 anos (SBP, 2022). No campo jurídico brasileiro, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído pela Lei nº 8.069/1990, define como adolescente a pessoa entre 12 e 18 anos incompletos ou até os 21 anos de idade, em situações excepcionais (Brasil, 1990). Em outra perspectiva, Siegel (2016) aponta que, sob o olhar neurobiológico, a adolescência pode iniciar por volta dos 12 anos e se estender até os 24.

Apesar dos avanços teóricos e científicos, permanece a diversidade de concepções sobre o que significa ser adolescente e quais são as tarefas de desenvolvimento associadas a essa fase de transição entre infância e vida adulta. Para além das múltiplas concepções que cercam essa etapa da vida, a adolescência pode ser compreendida como um período de transição marcado por intensas mudanças nos âmbitos biológico, psicológico, emocional e social (Ribeiro et al, 2016).

Por ser uma fase conhecida pelos desafios enfrentados, tanto para as famílias quanto para os próprios adolescentes, a Psicologia tem buscado estudar e compreender esse período de transformação que demanda o desenvolvimento de repertórios comportamentais muito complexos. Pode-se olhar para a adolescência como um período de transformações biológicas, experienciais e culturais. (Brandão et al. 2022).

Tal transformação considera as características fisiológicas e comportamentais do adolescente (Moreira & Medeiros, 2019). Zeggio e Dubiela (2022) colaboram exemplificando que a adolescência é um período de mudança física no corpo do adolescente, bem como mudanças internas biológicas. Brandão et al. (2022) complementam ainda que todas essas mudanças contribuem na forma como os adolescentes sentem e reagem às emoções e ao ambiente, às experiências internas e externas.

A respeito das experiências, Moreira e Medeiros (2019), a explicam sendo a interação da pessoa diretamente com o meio em que vive. Diz respeito às aprendizagens que se dão por meio de interações, apresentando a seleção dos comportamentos de acordo com as consequências que o adolescente recebe do ambiente, de acordo com suas ações, aquelas que modificam o ambiente e, por ele, são modificados também.

Mudanças que envolvem o meio cultural descrevem comportamentos exercidos e mantidos pelos participantes de um grupo. São comportamentos aprendidos por modelos ou instruções, advindo de outros, tais como “modismo, movimentos artísticos, preconceitos, ideologia, preceitos éticos e legais e questões econômicas” (Moreira & Medeiros, 2019, p. 195).

O período da adolescência é sensível enquanto desenvolvimento, pois é uma fase favorável à aquisição de repertórios específicos e que, frente a estimulações adequadas, são altamente prováveis de ocorrer. É ainda um período crítico justamente pela expectativa de uma grande aquisição de repertório apropriado para a vida adulta (Brandão et al. 2022).

Ser um adolescente no século XXI pode representar grande proximidade com fatores culturais proporcionados pelo contato com a tecnologia desde poucos anos de idade, com informação de fácil acesso, assim como bens de consumo (Brandão et al. 2022). Nessa fase, de acordo com Brandão et al. (2022) e Zeggio e Dubiela (2022), são cobrados e se engajam

em atividades autônomas, dispensando a supervisão de adultos. Dadas às diminuições gradativas de suporte desde a infância, essas ajudas dos responsáveis cuidadores são cessadas e cobra-se independência, autorrealização, autonomia e responsabilidade na adolescência. Nessa fase, costuma-se observar também, maior instabilidade emocional, muitas vezes proveniente da pressão em relação ao desempenho acadêmico somada a uma necessidade considerável de pertencimento do grupo, o que, segundo Lacava (2022), favorece a dualidade entre responsabilidades e vida social.

Um exemplo desse momento de ruptura de auxílio dos adultos para com os adolescentes é na escolha de carreira, que envolve decisões de ampla magnitude em um tempo curto ao considerarmos a preparação dos adolescentes para o vestibular, cursos profissionalizantes ou mercado de trabalho, tendo como início, comumente, a partir do 1º ano do Ensino Médio (Lacava, 2022). Portanto, mesmo com acesso a tantas informações, as escolhas ainda não são feitas pelos adolescentes com autonomia e segurança.

A escolha profissional está inserida em uma teia complexa de influências que abrange tanto aspectos individuais quanto coletivos. Esse processo é impactado por fatores como o convívio familiar, os grupos de pertença, a trajetória educacional, as transformações no mundo do trabalho e, de forma mais ampla, pelas condições sociais, políticas, econômicas e culturais que compõem o contexto em que o sujeito está inserido (Almeida & Melo-Silva, 2011).

Questionar-se sobre si mesmo perpassa a fase da adolescência e ao passar por experiências únicas, principalmente sociais, o adolescente é exposto às aprendizagens que formam diversos repertórios e discriminações. A complexidade dos entrelaçamentos culturais estabelece uma relação única entre o indivíduo, seu repertório e suas discriminações, além de

que o desenvolvimento da capacidade de auto-observação proporciona experiências significativas tanto com os outros quanto consigo mesmo (Thomaz & Neto, 2022).

Conforme destacado por Brandão et al. (2022), os adolescentes enfrentam grande desafio em relação às transformações dos próprios interesses, a obtenção de responsabilidades, a oferta de liberdade, as mudanças nas relações com os pares e com o mundo. Nesse sentido, ao perderem a ajuda próxima dos adultos para realizar tais atividades, pode-se observar, como consequência, adolescentes inseguros e amedrontados frente aos desafios. São diversos os fatores que influenciam na decisão profissional, tais como valores, crenças, contexto socioeconômico, família, pares, convicções políticas, dentre outros (Almeida & Pinho, 2008).

Reconhecendo a relevância da atuação dos pais no processo de escolha profissional dos filhos, especialmente durante a adolescência, momento em que ocorrem as primeiras decisões nesse campo, diferentes estudos têm abordado essa temática sob variadas perspectivas teóricas, evidenciando a complexidade das influências familiares nesse contexto. No levantamento realizado por Almeida e Melo-Silva (2011), destaca-se que, já na década de 1950, Anne Roe propôs uma compreensão do comportamento vocacional com base nas experiências vividas na infância. A autora enfatizou o papel das práticas educativas parentais como fontes de satisfação ou frustração, apontando que aspectos como segurança, afeto, autonomia e reconhecimento influenciam significativamente o desenvolvimento da personalidade e, conseqüentemente, as escolhas profissionais.

Seguindo essa linha histórica, os mesmos autores indicam que, na década de 1970, Bohoslavsky retomou a análise das interações gratificantes ou frustrantes da criança com sua família. Tais relações seriam responsáveis por gerar identificações, conscientes ou inconscientes, que repercutem diretamente na tomada de decisões vocacionais. A família,

compreendida como um sistema com valores e dinâmicas próprios, atua como agente formador no desenvolvimento vocacional. Assim, o processo de orientação profissional deve considerar não apenas a visão que a família tem sobre diferentes ocupações, mas também suas histórias e conflitos em torno do trabalho. Isso porque a satisfação ou insatisfação profissional dos pais pode, desde a infância, influenciar as trajetórias dos filhos. Nesse processo, ao mesmo tempo em que a escolha de uma profissão pode causar certo desequilíbrio na estrutura familiar, o jovem também pode assumir, simbolicamente, um papel de “reparador” dos projetos interrompidos ou frustrados do grupo, reconfigurando vínculos e promovendo maior autonomia nos planos futuros.

No que se refere ao desenvolvimento do adolescente, é importante considerar que a família representa um dos principais contextos de formação e apoio. Em um cenário de rápidas mudanças sociais, educacionais e profissionais, torna-se essencial refletir sobre o impacto dos vínculos familiares na construção dos projetos de vida dos jovens (Almeida & Melo-Silva, 2022). As mudanças corporais, a ampliação da complexidade das relações sociais e a necessidade de atualização constante do repertório comportamental exigem uma compreensão ampliada do desenvolvimento adolescente que envolva aspectos acadêmicos, sociais e profissionais (Thomaz & Neto, 2022).

Há décadas, os estudos sobre orientação profissional já apontavam a relevância de incluir a família como parte integrante desse processo. Dias (1995), por exemplo, enfatizou a importância de considerar os familiares nos atendimentos, dado que, frequentemente, os pais revivem seus próprios conflitos relacionados à escolha profissional quando acompanham essa decisão por parte dos filhos. A forma como lidam com tais emoções pode determinar sua capacidade de oferecer apoio ou, ao contrário, reforçar a ansiedade vivenciada pelos adolescentes. Nessa mesma linha, Soares-Lucchiari (1997) reforçam que os filhos, muitas

vezes, se tornam receptores dos desejos parentais, sendo pressionados, de maneira consciente ou inconsciente, a atender às expectativas da família, o que os leva a desenvolver mecanismos defensivos para lidar com tais projeções.

Com o avanço dos estudos na interface entre orientação profissional e relações familiares, pesquisas como a de Costa et al. (2000) destacaram que o estilo parental, especialmente no que se refere ao apoio emocional, ao exercício do poder e às hierarquias estabelecidas, influencia significativamente o desenvolvimento dos filhos. Essas influências se manifestam nos comportamentos sociais, na saúde emocional e também nas escolhas profissionais, evidenciando que o contexto familiar é determinante na trajetória de vida dos adolescentes.

A definição de um projeto profissional ocorre em um momento marcado por diversas incertezas típicas da adolescência. Em razão da exigência de uma decisão precoce, muitos jovens ainda não possuem maturidade suficiente para lidar com essa escolha de forma autônoma, tornando-se suscetíveis à influência de fatores como a família, os pares e o próprio estágio de desenvolvimento pessoal (Rosseto et al., 2022).

Duarte et al. (2005) analisaram as expectativas de mães quanto à escolha de carreira de seus filhos, destacando a importância de considerar essas expectativas no trabalho de orientação profissional. Os resultados mostraram que esse momento representa uma transição simbólica para a vida adulta, tanto para os jovens quanto para suas famílias. Assim, torna-se necessário criar espaços de escuta e reflexão que envolvam os pais, a fim de favorecer sua atuação como facilitadores no processo de construção da autonomia dos filhos.

Em outra investigação, Melo-Silva et al. (2005) identificaram falhas na comunicação entre pais e filhos durante o processo de escolha profissional. Contudo, os dados também indicam que, quando há diálogo aberto, compreensão mútua e um posicionamento claro por

parte dos pais, os adolescentes se sentem mais confiantes para tomar decisões em relação ao seu futuro.

Complementando essas discussões, Rosseto et al. (2022) apontam que a influência familiar no processo de escolha profissional está fortemente relacionada aos valores atribuídos pelos pais à formação acadêmica dos filhos, bem como às idealizações construídas em torno do status e prestígio social associados a determinadas carreiras. Além disso, tanto o pai quanto a mãe exercem papel relevante na tomada de decisão de carreira dos adolescentes, o que reforça a importância das relações familiares nesse processo (Murgo et al., 2018).

Santos (2005) aponta que a família pode ser tanto um fator de apoio quanto de obstáculo no processo de escolha profissional, especialmente diante das pressões, expectativas e ansiedades que emergem nesse contexto. Pratta e Santos (2007) acrescentam que o desenvolvimento do adolescente ocorre, prioritariamente, no ambiente familiar, e que as dinâmicas estabelecidas nesse espaço influenciam diretamente seu bem-estar psicológico.

A família transmite valores, crenças e concepções de mundo que impactam diretamente a construção de projetos profissionais. Essas influências podem se apresentar como incentivo à autonomia ou, ao contrário, como imposições e cobranças, muitas vezes sutis, que dificultam o protagonismo do jovem no processo de escolha. Andrade (1997) argumenta que, quando há um vínculo pautado em diálogo e confiança, as opiniões parentais tendem a ser consideradas com respeito, e a família passa a ser percebida como base de apoio e segurança emocional.

Por fim, as evidências apontadas por Almeida e Melo-Silva (2011) reforçam a relevância de se compreender a escolha profissional como um processo influenciado por múltiplas dimensões, entre elas a familiar. Sob uma perspectiva interacional e dinâmica, a relação entre pais e filhos exerce um papel significativo na construção dos projetos de

carreira, o que exige que práticas de orientação profissional considerem não apenas o indivíduo, mas o contexto relacional em que ele está inserido. Nota-se que os estudos embasados nesse referencial, considerando as influências recíprocas e em constante processo de mudança entre indivíduo e meio, sugerem a importância do papel favorecedor que a família, sobretudo os pais, pode exercer nos planejamentos de carreira dos filhos, incluindo a escolha profissional (Almeida & Melo-Silva, 2011).

Assim como o conceito de adolescência vem se modificando à medida que as pesquisas e os conhecimentos científicos avançam, a noção de trabalho também passa por transformações em sua compreensão. Ambiel (2014) destaca que, para se entender a construção de carreira, é necessário considerar o contexto histórico no qual se inserem os indivíduos, já que esse contexto influencia fortemente os significados atribuídos ao trabalho. Nesse sentido, do século XIX até o início do XXI, vivenciamos mudanças significativas com a revolução industrial, seguidas mais recentemente pela revolução tecnológica.

Essas transformações impactam diretamente os adolescentes, que se encontram em um processo de construção identitária, em meio a um mundo cada vez mais complexo e em constante transformação. Para definirem seus projetos de vida e se prepararem para a vida adulta, precisam assumir responsabilidades e comprometer-se com tarefas do desenvolvimento, entre elas, a construção de uma trajetória profissional. Cabe, então, ao orientador profissional mediar esse processo, auxiliando o jovem a tomar consciência de suas necessidades, interesses, dúvidas e desejos, promovendo um espaço de escuta e reflexão (Melo-Silva et al., 2002).

Observa-se que as formas de inserção no mundo do trabalho passaram por mudanças expressivas. Novas profissões emergiram, e o conceito de carreira também foi ressignificado. A estabilidade já não ocupa o mesmo lugar central que ocupava no início do século XX. Hoje,

mobilidade, transição e protagonismo do trabalhador são aspectos valorizados, enquanto a linearidade da trajetória profissional cede lugar a percursos mais dinâmicos e multifacetados (Ambiel, 2014). Tais mudanças evidenciam diferenças geracionais e transformações significativas nas relações com o trabalho e com o próprio planejamento de vida.

Diante disso, falar sobre trabalho, carreira e adolescência, ainda que não se restrinja a essa fase da vida, aproxima a orientação profissional da realidade de muitos jovens e de seus contextos familiares. Isso porque a Orientação Profissional e de Carreira (OPC) tornou-se, nas últimas décadas, um campo importante para o apoio a processos de escolha e construção profissional, sobretudo por oferecer recursos para que adolescentes enfrentem as demandas impostas pelas transições sociais, acadêmicas e laborais (Ambiel et al., 2019).

Nesse cenário, torna-se relevante considerar, de forma mais aprofundada, o papel da família na OPC, especialmente no que diz respeito às dinâmicas parentais e ao ambiente emocional criado pelos cuidadores. Entende-se portanto, por estilo parental, o conjunto de atitudes, comportamentos e práticas adotadas pelos pais na criação dos filhos, os quais moldam o contexto emocional e relacional em que esses jovens se desenvolvem. Isso inclui desde o apoio emocional oferecido, até os comportamentos persuasivos que os pais adotam, conscientemente ou não, com o objetivo de orientar, disciplinar e influenciar seus filhos. Estratégias como o uso de reforços positivos e a mediação de decisões são exemplos de práticas que, dependendo da forma como são aplicadas, podem favorecer ou dificultar a construção de um processo de escolha profissional mais autônomo (Costa, Teixeira & Gomes, 2000).

Maccoby e Martin, no início dos anos 1980, propuseram um modelo teórico sobre estilos parentais, destacando duas dimensões centrais no comportamento educacional dos pais: a exigência, entendida como o grau de controle e supervisão exercido sobre os

comportamentos dos filhos, e a responsividade, que se refere ao suporte emocional, à escuta e à sensibilidade às necessidades das crianças e adolescentes. A interação entre essas dimensões resulta em quatro estilos parentais distintos: autoritativo (alta exigência e alta responsividade), negligente (baixa exigência e baixa responsividade), indulgente (baixa exigência e alta responsividade) e autoritário (alta exigência e baixa responsividade) (Costa et al., 2000; Teixeira et al., 2004).

Com base nesse modelo, Magalhães et al. (2012) investigaram como os estilos parentais influenciam as metas vocacionais de adolescentes, considerando as dimensões de exigência e responsividade. Os resultados indicaram benefícios associados ao estilo autoritativo, especialmente por combinar apoio afetivo e exigências claras, o que parece contribuir para o desenvolvimento de um senso autônomo de avaliação e definição de metas de vida nos filhos. Em contrapartida, práticas parentais negligentes foram associadas a prejuízos no comprometimento com objetivos e maior ambivalência e insegurança frente à escolha profissional. Observou-se ainda que os adolescentes tendem a perceber as mães como mais engajadas do que os pais no processo educativo, estabelecendo com elas relações mais próximas e de maior intimidade. A instabilidade na definição de metas vocacionais mostrou-se mais sensível aos estilos parentais maternos do que paternos.

A análise da instabilidade das metas demonstrou que adolescentes cujos pais adotam um estilo autoritativo apresentaram níveis mais baixos de flutuação na formulação e manutenção de objetivos, em comparação àqueles com pais negligentes. O estilo indulgente materno, em particular, destacou-se com as menores médias de instabilidade. Esses achados reforçam o papel da responsividade, sobretudo a materna, como um fator protetivo para o desenvolvimento vocacional, uma vez que essa dimensão está ausente nos estilos autoritário e

negligente (associados a maiores índices de instabilidade) e presente nos estilos autoritativo e indulgente (associados a menores índices) (Magalhães et al., 2012).

Além dos estilos parentais, a qualidade da comunicação entre pais e filhos é um aspecto central no processo de construção da escolha profissional. Investigar a congruência nessa relação vai além da definição objetiva de uma carreira futura e envolve também os efeitos subjetivos desse alinhamento. Quando os filhos percebem sintonia com seus pais quanto a valores, crenças, interesses e metas profissionais, tendem a demonstrar maior motivação para se envolver em processos de exploração e planejamento de carreira (Pereira et al., 2018). Essa congruência parental, entendida como a afinidade entre pais e adolescentes em torno da escolha profissional, está fortemente associada ao encorajamento dos filhos para participação em atividades vocacionais (Pereira et al., 2018; Ambiel et al., 2019) e ao fortalecimento da autonomia na tomada de decisão. Altos níveis de congruência sugerem uma percepção de forte conexão dos filhos com os pais em termos de projetos de vida, o que pode favorecer uma vivência mais segura e consciente das decisões vocacionais (Ambiel et al., 2019).

A partir da perspectiva de Kristof (1996), retomada por Sawitri et al. (2012), a congruência complementar entre pais e filhos no contexto da escolha profissional pode ser compreendida a partir de dois eixos principais: o da adequação necessidades-ofertas e o da adequação demandas-habilidades. O primeiro eixo refere-se à medida em que os pais oferecem suporte adequado às necessidades dos filhos em seu processo de desenvolvimento vocacional. Já o segundo diz respeito à capacidade dos adolescentes de corresponder às expectativas e exigências parentais em relação à construção de suas trajetórias de carreira. Esses dois tipos de alinhamento refletem o quanto os adolescentes percebem apoio e também sentem-se aptos a atender às demandas familiares, influenciando significativamente a tomada de decisões profissionais.

Além disso, a chamada congruência suplementar, também discutida por Sawitri et al. (2012), diz respeito à semelhança entre pais e filhos no que se refere a valores, interesses, objetivos e planos de carreira. Nesse sentido, os pais não apenas exercem influência como fontes de informação sobre o mundo do trabalho, mas também transmitem crenças e expectativas que tendem a ser internalizadas pelos filhos. É comum que adolescentes compartilhem com os pais percepções sobre a importância da escolaridade, os caminhos necessários para alcançar determinadas profissões e as etapas envolvidas nas decisões profissionais. Essa sintonia pode ser ampliada por meio de diálogos e da qualidade da comunicação na diáde parental, favorecendo a construção de uma visão compartilhada sobre o futuro profissional dos jovens.

Ainda segundo Sawitri et al. (2012), essa percepção de congruência se manifesta tanto pela sensação de que os pais satisfazem as necessidades dos filhos relacionadas à exploração vocacional, ao planejamento e à definição de metas, quanto pela percepção de que os pais estão satisfeitos com o progresso de seus filhos. Essa dinâmica contribui para um sentimento de alinhamento em termos de crenças, valores e expectativas profissionais entre as gerações.

Por outro lado, aspectos do contexto familiar também podem interferir na experiência dos adolescentes diante das pressões educacionais e profissionais. Faria (2012) observa, por exemplo, que filhos de mães que não trabalham fora podem apresentar níveis mais elevados de estresse, o que pode estar relacionado a uma convivência mais intensa no ambiente doméstico ou à ausência de um espaço de acolhimento e proteção durante a rotina de estudos. Já em famílias com maior poder aquisitivo, observa-se com maior frequência o uso de práticas parentais baseadas no controle punitivo, associado a níveis mais altos de estresse nos filhos. Nessas famílias, as cobranças relacionadas ao sucesso acadêmico e profissional tendem a ser mais intensas do que nas classes socioeconômicas menos favorecidas.

Práticas parentais que estimulam a autonomia dos filhos, ao mesmo tempo em que cobram responsabilidade, mostram-se positivas para o desenvolvimento da capacidade de tomada de decisão dos adolescentes. Pais que incentivam os filhos a formar opiniões próprias, a fazer escolhas e a aprender com suas experiências contribuem para que os jovens assumam, de maneira mais adaptada, os desafios envolvidos na transição para a vida adulta e para o mundo do trabalho (Faria, 2012).

Dessa forma, limitar a discussão sobre escolhas profissionais ao campo da agência individual dos adolescentes é uma abordagem insuficiente. Apesar de valorizar a autodeterminação, ela negligencia a complexidade do ambiente em que essas decisões são construídas. As expectativas parentais, especialmente quando percebidas pelos filhos, podem influenciar o planejamento de carreira em intensidade superior às próprias aspirações conscientes dos jovens (Pereira et al., 2017).

Compreender o papel da família nesse processo não apenas enriquece o debate sobre orientação profissional, como também evidencia que as trajetórias vocacionais são construídas de modo relacional, sendo atravessadas por interações familiares, dinâmicas parentais e pelas condições contextuais e estruturais que permeiam a vida dos indivíduos (Costa et al., 2000). Nesse sentido, emerge a necessidade de desenvolver estratégias de avaliação e intervenção que deem conta dessa complexidade. Tanto em contextos nacionais quanto internacionais, tem-se observado que o uso de instrumentos psicométricos é uma prática amplamente adotada para mensurar os resultados de intervenções em OPC. No entanto, embora eficientes em termos quantitativos, esses instrumentos, quando utilizados de forma isolada, podem limitar a compreensão do processo ao desconsiderar dimensões qualitativas fundamentais, como as influências familiares, culturais e sociais (Ambiel et al., 2017).

Diante disso, a articulação entre métodos qualitativos e quantitativos tem sido apontada como uma alternativa promissora para ampliar a compreensão sobre os percursos vocacionais. Um exemplo dessa abordagem integrativa é a técnica Escores Transformados em Histórias (ETH) (Ambiel, 2021), que convida o orientando a explorar, de forma narrativa, os itens e resultados de inventários de interesses profissionais. Essa prática, ao aliar dados objetivos e subjetivos, favorece uma avaliação com enfoque terapêutico, permitindo ao orientador e ao orientando construir juntos significados a partir dos resultados obtidos. A técnica também incentiva a participação ativa do jovem, que pode narrar histórias relacionadas ao desenvolvimento de seus interesses, promovendo maior autoconhecimento e engajamento no processo (Lima & Ambiel, 2023).

Considerando as características mais estáveis do indivíduo, como a personalidade e os interesses profissionais, que podem ser específicos (por atividades) ou gerais (relacionados ao comportamento em diferentes contextos), estratégias como o ETH colaboram para uma compreensão mais profunda do sujeito. Neste contexto, a teoria dos tipos de personalidade de John Holland (1997), representada pelo modelo RIASEC, oferece como estrutura conceitual base para Escala Andante de Interesses Profissionais, permitindo mapear e compreender diferentes perfis de interesses profissionais (Martins et al., 2023).

O modelo RIASEC parte do princípio de que pessoas e ambientes ocupacionais podem ser agrupados em seis categorias principais: Realista, Investigativo, Artístico, Social, Empreendedor e Convencional. Tais categorias expressam preferências por atividades e contextos específicos, facilitando o processo de identificação entre características individuais e possibilidades profissionais. Segundo Bullock et al. (2009), trata-se de uma das estruturas mais reconhecidas e utilizadas mundialmente em avaliações de interesses, devido à sua aplicabilidade em diferentes culturas e contextos.

Além de sua sólida base empírica, o modelo também pode ser explorado a partir de abordagens narrativas, nas quais os interesses são compreendidos como construções subjetivas que se desenvolvem ao longo do tempo. Como destaca Ambiel (2020), a escolha ou rejeição de determinados tipos de atividades reflete não apenas preferências momentâneas, mas histórias de vida, experiências emocionais e padrões de identificação. Ao responder a um inventário de interesses, o sujeito não apenas expressa preferências, mas, simbolicamente, constrói e comunica aspectos de sua trajetória e identidade. Assim, o uso do RIASEC em processos de avaliação pode ser ampliado para além da categorização de perfis, favorecendo uma escuta mais sensível e uma interpretação mais contextualizada do sujeito em processo de escolha.

Dessa forma, a OPC, como campo das ciências humanas, demanda constante atualização teórica e metodológica, alinhada às especificidades dos contextos sociais, econômicos e culturais nos quais está inserida. As estratégias de intervenção e avaliação devem ser respaldadas por pesquisas e reflexões críticas que possibilitem sua aplicação prática de maneira ética, sensível e efetiva (Melo-Silva et al., 2003). Para tanto, o orientador pode recorrer a uma variedade de recursos, como entrevistas, técnicas psicodramáticas ou de grupo operativo, desde que estejam alinhados ao referencial teórico adotado e aplicados de forma intencional, considerando o momento da intervenção e o perfil dos orientandos.

Nessa perspectiva, é essencial que os profissionais da área estejam atentos às múltiplas dimensões que atravessam o processo de escolha, reconhecendo que ele não se dá de forma isolada, mas está imerso em relações interpessoais e contextos socioculturais específicos. Um desses aspectos centrais é a influência exercida pelas figuras parentais ao longo do desenvolvimento dos filhos. Estudos baseados em distintos referenciais teóricos apontam que

essa influência é contínua e se inicia ainda na infância, sendo construída nas interações cotidianas do ambiente familiar (Almeida & Melo-Silva, 2011).

Essa influência pode ser percebida tanto em ações objetivas, como o apoio financeiro, estímulo à formação educacional, o incentivo à exploração de possibilidades vocacionais; quanto em manifestações mais subjetivas e sutis, por vezes implícitas ou inconscientes. Entre elas, destacam-se as formas como os pais reagem às escolhas dos filhos, as expectativas que depositam sobre suas trajetórias, as exigências que impõem, os valores e crenças transmitidos sobre o mundo do trabalho, suas próprias vivências profissionais e, ainda, os conflitos emocionais envolvidos no processo de separação e autonomia na relação parental. Esses fatores, muitas vezes invisíveis nos instrumentos tradicionais de avaliação, reforçam a importância de abordagens que considerem a complexidade da construção da escolha profissional, como as que integram métodos qualitativos e quantitativos, promovendo um olhar mais amplo e contextualizado sobre o desenvolvimento vocacional.

Diante da complexidade que envolve os processos de escolha profissional e de construção de carreira, e considerando a multiplicidade de fatores que os atravessam, entre eles, as influências familiares, sociais e culturais, esta pesquisa propõe-se a investigar de forma mais aprofundada a relação entre mães e filhas no contexto vocacional. Embora o objetivo geral deste estudo tenha sido inicialmente formulado de modo integrativo, visando avaliar a congruência entre pais e filhos sobre trabalho e carreira, a composição da amostra, exclusivamente feminina, implicou a reformulação desse foco. Assim, a proposta passa a ser a de avaliar a congruência entre mães e filhas quanto ao trabalho e à carreira, considerando as relações de exigência e responsividade parental, bem como os interesses profissionais.

Para alcançar esse propósito, foram delineados quatro objetivos específicos. O primeiro busca analisar a relação entre os resultados obtidos na Escala de Congruência entre Pais e

Filhos sobre Escolha Profissional (ECPF-EP) e as respostas fornecidas nas entrevistas quanto ao conhecimento dos filhos sobre a trajetória profissional dos pais. Parte-se da hipótese de que filhos com maiores pontuações na ECPF-EP demonstrarão maior familiaridade com a vida profissional dos pais, sentindo-se, conseqüentemente, mais apropriados e confiantes em relação às próprias escolhas.

O segundo objetivo é comparar os relatos dos pais sobre o compartilhamento de informações relacionadas à sua carreira com o nível de indecisão profissional dos filhos, conforme indicado pela Escala Andante de Indecisão de Carreira (EAIC) e pela ECPF-EP. Neste caso, a hipótese é que filhos cujos pais compartilham mais aspectos de sua trajetória profissional tenderão a apresentar menor indecisão, além de maior encorajamento para explorar e pesquisar o mundo do trabalho.

O terceiro objetivo busca examinar a relação entre os resultados da Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP) e a semelhança dos perfis de interesse profissional entre pais e filhos. Hipotetiza-se que filhos que percebem seus pais como mais responsivos tenderão a apresentar interesses profissionais mais semelhantes aos de seus responsáveis, enquanto aqueles que os percebem como mais exigentes tenderão a apresentar perfis mais distintos.

Por fim, o quarto objetivo consiste em investigar o processo de construção de interesses a partir das narrativas obtidas por meio da técnica Escores Transformados em Histórias (ETH). A hipótese que orienta essa etapa da pesquisa é a de que haverá maior semelhança entre as histórias contadas por pais e filhos à medida que os filhos percebam seus pais como mais responsivos e que exista maior congruência entre ambos no que se refere à escolha profissional.

MÉTODO

Delineamento da pesquisa

Trata-se de uma pesquisa de abordagem mista, com predominância qualitativa, cujo delineamento é de caráter exploratório e descritivo. A investigação buscou compreender de forma aprofundada as relações entre mães e filhas no processo de escolha profissional, com foco na congruência entre os interesses profissionais e nas percepções sobre trabalho e carreira. Para isso, foram utilizados procedimentos quantitativos, como a aplicação de escalas psicométricas padronizadas, e qualitativos, por meio de entrevistas semiestruturadas e da técnica Escores Transformados em Histórias (ETH). A estratégia metodológica adotada foi a de estudo de caso múltiplo, permitindo analisar casos individuais em profundidade e, ao mesmo tempo, identificar padrões de similaridade e divergência entre eles.

Participantes

Participaram desta pesquisa quatro pessoas, sendo duas adolescentes e a mãe de cada uma delas, todas residentes no estado de São Paulo. Neste estudo, cada díade, composta por mãe e filha, será descrita a seguir.

Inicialmente, a diversidade nas características dos participantes era um dos objetivos do estudo, tanto para ampliar a abrangência das análises quanto para favorecer comparações entre diferentes contextos socioculturais e familiares. Esperava-se, ainda, que uma maior heterogeneidade possibilitasse identificar diferentes estratégias de atuação e compreensão no campo da orientação profissional e de carreira.

No entanto, por razões logísticas, foi necessário aguardar o início do ano letivo para o agendamento das entrevistas, o que resultou em um período mais compacto para a coleta de dados, considerando os dois encontros previstos com cada díade e o tempo necessário para análise posterior. Adicionalmente, duas díades que iniciaram o processo de participação não

puderam ser mantidas na amostra final. No primeiro caso, composto por pai e filho, houve dificuldade do pai em responder aos instrumentos online, inviabilizando a continuidade. No segundo caso, uma mãe e filha residentes no interior do estado enfrentaram incompatibilidade de agenda após a primeira sessão individual com cada uma, o que também impossibilitou o prosseguimento do processo.

Assim, embora a amostra final tenha ficado reduzida, composta por participantes com perfis semelhantes: mães com formação em engenharia, residentes em áreas urbanas e de classe socioeconômica elevada, o estudo ainda possibilita uma análise aprofundada e significativa sobre os processos subjetivos envolvidos na relação entre mães e filhas diante da escolha profissional.

Para garantir o sigilo e o anonimato das participantes, ao final do último encontro deste estudo, foi solicitado que cada adolescente escolhesse um codinome pelo qual gostaria de ser referida. A participante da díade 1 optou por "Participante B", enquanto a participante da díade 2 escolheu "Participante Rosa". Essas denominações serão utilizadas ao longo do texto para facilitar a identificação dos relatos, mantendo a confidencialidade das informações.

Díade 1: Adolescente de codinome Participante B, 16 anos, que não se identifica com sexo feminino ou masculino, estudante de 3º ano do Ensino Médio em escola particular de uma cidade do interior de São Paulo, sem experiência profissional anterior e sem ter feito orientação profissional antes. Mãe da Participante B, de 48 anos, divorciada, com superior completo em Engenharia, no momento da entrevista com vínculo empregatício CLT, com renda familiar acima de 10 salários mínimos.

Díade 2: Adolescente de codinome Participante Rosa, de 17 anos que se identifica com o sexo feminino, estudante do 3ª ano do Ensino Médio em escola particular em uma cidade da região metropolitana de São Paulo, sem experiência profissional anterior e sem ter feito processo de orientação profissional e de carreira previamente. Mãe, de 52 anos, casada, com

superior completo em Engenharia, no momento da entrevista sem vínculo empregatício, atuando como estagiária em sua nova formação, com renda familiar acima de 10 salários mínimos.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: desenvolvido exclusivamente para esta pesquisa, foi usado para caracterização dos participantes da amostra, incluindo informações como identificação dos participantes, idade, sexo, tipo de instituição escolar (pública ou privada), renda familiar, nível de escolaridade dos pais, tipo de emprego/trabalho dos pais (CLT, autônomo). As perguntas que caracterizam os critérios de inclusão e exclusão para os responsáveis são: “Qual seu grau de parentesco com o adolescente?” (devendo a resposta ser pai, mãe ou responsável legal para continuidade); e “Você já teve ao menos uma experiência de trabalho em sua vida?” (devendo a resposta ser sim). Para os adolescentes, as perguntas que caracterizam critérios de inclusão e exclusão são: “Você está atualmente matriculado no terceiro ano do ensino médio?” (devendo a resposta ser sim); “Você já teve alguma experiência de trabalho, seja formal (com carteira assinada) ou informal?” (devendo a resposta ser não); e “Você já participou de alguma orientação profissional ou de carreira?” (devendo a resposta ser não).

Roteiro de entrevista semi-estruturada: este instrumento também foi desenvolvido pela pesquisadora para utilização nesta pesquisa e serviu para levantamento de expectativas sobre trabalho e carreira. O roteiro da entrevista foi composto por quatro (4) perguntas norteadoras para cada categoria de participante, conforme quadro abaixo:

Público entrevistado	Perguntas norteadoras
Pais, responsáveis e cuidadores	1. O que significa “trabalhar” para você? 2. Me conte a história da sua vida profissional 3. Você fala sobre sua vida profissional com seu/ua filho/a? 4. Qual a expectativa que você tem para a vida profissional do seu filho/a?

Estudantes adolescentes	1. O que significa “trabalhar” para você? 2. O que você sabe sobre o trabalho, emprego do seu pai/mãe? 3. O que você acha da vida profissional do seu pai/mãe? 4. Qual a expectativa que você tem para a sua vida profissional?
-------------------------	--

Escores Transformados em Histórias (ETH): Proposto por Ambiel (2021), é um procedimento sistematizado que visa facilitar intervenções narrativas com base no feedback dos resultados de inventários de interesses. É caracterizado por duas etapas: (a) após o participante completar o instrumento de interesse de acordo com sua padronização, ele é convidado a escolher entre três e cinco itens com os níveis mais altos e mais baixos de preferência e a explicar por que essas atividades são prazerosas ou desprazerosas; (b) na segunda etapa, os resultados padronizados do teste são apresentados, o participante é convidado a ler os resultados e discutir se ele se vê nas descrições e se essas descrições se relacionam com as decisões de carreira que tem considerado. Os resultados de Lima e Ambiel (2023) indicam que a aplicação da técnica ETH no processo de Orientação Profissional e de Carreira gera um efeito médio significativo (d de Cohen = 0,63) na comparação das avaliações pré e pós-intervenção, demonstrando um aumento considerável no indicador de autoconhecimento.

Escala de Congruência entre Pais e Filhos sobre Escolha Profissional (ECPF-EP): inicialmente proposta por Sawitri, Creed e Zimmer-Gembeck (2012), adaptada por Pereira, Ambiel e Barros (2017), é formada por 12 itens divididos em dois fatores de congruência: complementar (quando filhos percebem que suas necessidades são atendidas e apoiadas pelos pais), e suplementar (quando pais e filhos compartilham similaridade sobre os assuntos voltados à escolha profissional). Os itens são respondidos em uma escala tipo Likert de cinco pontos, variando entre discordo totalmente (1) a concordo totalmente (5). O fator de congruência complementar apresentou índice de consistência interna de 0,85 e suplementar de 0,84, com correlação moderada ($r=0,55$) entre eles. O índice de consistência interna alfa de

Cronbach foi de 0,85 para o primeiro fator, 0,81 para o segundo fator e 0,89 para a escala total, e a correlação entre os componentes foi de 0,64 (Pereira et al, 2017). Para os fins desta pesquisa, os participantes adolescentes foram orientados a responderem este instrumento considerando a pessoa (pai, mãe ou responsável) que também participou da pesquisa.

Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP): proposta por Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991), com versão brasileira adaptada Costa, Teixeira e Gomes (2000) e refinada por Teixeira, Bardagi e Gomes (2004). Na última versão, a escala foi composta por 24 itens que se dividem em dois fatores, sendo 12 itens relativos à exigência e 12 relativos à responsividade, que classificam os pais em quatro estilos diferentes: autoritativo, negligente, autoritário e indulgente. São escalas de autorrelato, nos quais os adolescentes avaliam atitudes e práticas de seus pais para consigo através da escala Likert de 3 pontos. Os índices alfa de Cronbach obtidos entre 0,78 e 0,93 os valores de correlação item-restante corrigidos observados de 0,30 a 0,75 indicam que há consistência interna entre as escalas (Teixeira et al. 2004). Para os fins desta pesquisa, os participantes adolescentes foram orientados a responder este instrumento considerando a pessoa (pai, mãe ou responsável) que também participou da pesquisa.

Escala Andante de Interesses Profissionais (EAIP): construída por Martins et al. (2023), é composta por 209 frases e mede os interesses profissionais em dois níveis: os seis tipos do modelo RIASEC e 22 interesses básicos. As respostas aos itens são registradas pelo orientando como gosto/gostaria, mais ou menos ou não gosto/não gostaria. Análises Fatoriais Exploratória e Confirmatória indicam bons índices de ajuste, permitindo a interpretação confiável tanto dos seis tipos RIASEC quanto dos 22 interesses básicos. O instrumento também apresenta correlações significativas com o 18REST-2 (Martins et al., 2024), que avalia interesses dentro do modelo de Holland, evidenciando consistência nas correlações entre os tipos RIASEC.

Escala Andante de Indecisão de Carreira (EAIC): Proposta por Salvador et al. (2023), é formada por 36 itens que investigam as possíveis dificuldades enfrentadas por uma pessoa durante o processo de escolha de carreira, sendo organizado em cinco fatores: 11 itens sobre afetividade negativa, 11 para ansiedade relacionada à escolha, 7 para dificuldade na tomada de decisão, 7 para conflitos interpessoais e 5 sobre dependência para a decisão. Os itens são avaliados em uma escala Likert de quatro pontos, que varia de nada (1) a completamente (4). A EAIC demonstra correlação com a versão brasileira do Career Indecision Profile (CIP) de Salvador (2022), com coeficientes entre os fatores correspondentes variando de 0,64 a 0,76.

Procedimentos

A presente pesquisa seguiu todos os procedimentos éticos previstos na Resolução nº 510 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) e das normas vigentes da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), que regulamentam pesquisas com seres humanos no Brasil e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas (CAAE nº 4042024.3.0000.5481). A seleção dos participantes ocorreu por conveniência, por meio de divulgação nos meses de janeiro e fevereiro de 2025, em grupos de pesquisa da universidade e entre pessoas conhecidas da pesquisadora, para que participantes dentro dos critérios de inclusão pudessem ser indicados.

A partir dos contatos indicados, a pesquisadora estabeleceu comunicação via *WhatsApp*, explicando aos potenciais participantes os objetivos do estudo e o funcionamento das entrevistas. Com a concordância em participar, foram enviados para os responsáveis os *links* do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e no caso dos adolescentes, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE)

Em seguida, a primeira entrevista foi agendada de forma individualizada, considerando a disponibilidade de cada participante. Todas as entrevistas foram realizadas remotamente,

por meio da plataforma Microsoft Teams, em datas e horários distintos. Devido a limitações da conta utilizada na plataforma, os encontros não puderam ser gravados diretamente pelo Teams. Assim, os áudios foram registrados por meio de aplicativo de gravação no celular da pesquisadora e, posteriormente, transcritos para análise e após as transcrições, os arquivos de áudio foram deletados.

Duas díades não concluíram todas as etapas da pesquisa, tendo sido excluídas. A primeira, composta por pai e filho, teve início a partir do aceite do adolescente, que indicou o contato do pai para dar continuidade ao processo. Após o contato com o responsável e o envio dos termos de consentimento, as entrevistas foram agendadas: a primeira com o adolescente e a segunda com o pai. No entanto, o pai apresentou dificuldades para acessar a plataforma e responder às escalas e questionários online, o que, mesmo após tentativas de apoio durante a entrevista e em acompanhamento posterior por uma semana, inviabilizou a continuidade da participação.

A segunda díade foi validada e será um dos casos relatado nesta pesquisa, identificada como Díade 1. A terceira díade, composta por mãe e filha, também não pôde ser finalizada. Após o aceite da adolescente e o contato com a mãe para envio dos termos de consentimento, as primeiras sessões foram realizadas. Contudo, a incompatibilidade de agendas, mesmo após várias tentativas ao longo de duas semanas, entre pesquisadora, mãe e filha, impediu a realização da segunda etapa. Por fim, a quarta díade foi validada e será apresentada como Díade 2 nesta pesquisa.

Com as díades válidas, foram realizados 2 encontros com cada participante, conduzidos pela pesquisadora, autora deste projeto, que tiveram duração entre 50 e 70 minutos cada. No primeiro encontro com cada mãe, após o *rappport*, iniciou-se a entrevista semiestruturada. Ao término da entrevista, foi solicitado o preenchimento da Escala Andante de Interesses Profissionais (EAIP) e, em seguida, do questionário sociodemográfico. Na sequência, foi

agendada a data do segundo encontro, destinado à aplicação da técnica Escores Transformados em Histórias (ETH), e enviados os links dos termos de autorização para uso de imagem e som tanto da responsável quanto da adolescente participante.

De maneira similar, o primeiro encontro com cada adolescente teve início com o estabelecimento do *rappport*, seguido pela entrevista semiestruturada. Após sua conclusão, as adolescentes preencheram a Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP), Escala de Congruência Entre Pais e Filhos para Escolha Profissional (ECPF-EP), a Escala Andante de Indecisão de Carreira (EAIC) e Escala Andante de Interesses Profissionais (EAIP), com acompanhamento da pesquisadora. Ao final do encontro, foi agendada a segunda etapa, também voltada à aplicação da técnica ETH.

Durante os procedimentos com a Díade 1, não foram registrados contratemplos. Já no caso da Díade 2, a mãe apresentou dificuldades técnicas ao tentar acessar a plataforma CatVante para responder à EAIP. Após contato da pesquisadora com a central de suporte da plataforma e normalização do acesso, a participante conseguiu iniciar e finalizar o teste no mesmo dia, em torno de 30 minutos após o primeiro encontro, entretanto, sem a supervisão direta da pesquisadora.

Com o objetivo de preservar a identidade das participantes, ao final do último encontro, a pesquisadora reforçou as orientações sobre sigilo e confidencialidade e solicitou às adolescentes que escolhessem um nome fictício (codinome, apelido ou nome simbólico) pelo qual gostariam de ser referenciadas nesta dissertação. A adolescente da Díade 1, cujos encontros ocorreram primeiro, optou por ser identificada como ‘Participante B’. Posteriormente, ao ser feito o mesmo pedido à adolescente da Díade 2, esta questionou qual nome havia sido escolhido pela participante anterior e, ao saber que ela havia adotado ‘Participante B’, escolheu ser referida como ‘Participante Rosa’. Sendo assim, as mães seguirão essa mesma lógica ao serem apresentadas.

Análise de dados

Para a análise de dados da EREP e ECPF-EP, foram utilizados escores ponderados (escores brutos divididos pela quantidade de item de cada dimensão). Para a interpretação, adotou-se as estatísticas descritivas contidas no artigo de Ambiel et al (2019). Os termos “abaixo da média” ou “acima da média” foram utilizados quando a pontuação obtida pela participante correspondia a pontuação equivalente a menos ou mais de um desvio-padrão, respectivamente, em torno da média da amostra do estudo. Os termos “muito acima da média” ou “muito abaixo da média” foram adotados quando a pontuação obtida pela participante correspondia a pontuação equivalente a mais ou menos de dois desvios-padrão em torno da média da amostra do estudo. Para a EAIC e EAIP, as análises dos dados foram realizadas utilizando os escores individuais do resultado de cada escala respondida pelas participantes e fornecidos pela plataforma CatVante.

RESULTADOS

A seguir, são apresentadas as tabelas de resultados e os relatos dos encontros realizados com as quatro participantes desta pesquisa. Os resultados estão organizados em duas avaliações, cada uma correspondente a uma díade mãe-filha. A Seção 1 refere-se à Díade 1, composta pela Participante B e sua mãe; e a Seção 2 refere-se à Díade 2, composta pela Participante Rosa e sua mãe. Para cada díade, será abordado inicialmente as adolescentes antes das mães, independente da ordem das entrevistas.

Avaliação 1 - Díade 1:

Com essa díade, os encontros seguiram a seguinte ordem: a primeira entrevistada foi a Participante B, seguida, no horário subsequente, por sua mãe. O segundo encontro com a Participante B também ocorreu primeiro e, dois dias depois, foi realizado o segundo encontro com sua mãe.

Tabela 1

Resultado da Escala de Exigência e Responsividade Parental (EREP) e da Escala de Congruência entre Pais e Filhos para Escolha Profissional (ECPF-EP) Participante B

Exigência		Responsividade		Congruência Complementar		Congruência suplementar	
EB	Interpretação	EB	Interpretação	EB	Interpretação	EB	Interpretação
2,33	Muito abaixo da média	3,58	Acima da média	4,14	Acima da média	4,00	Muito acima da média

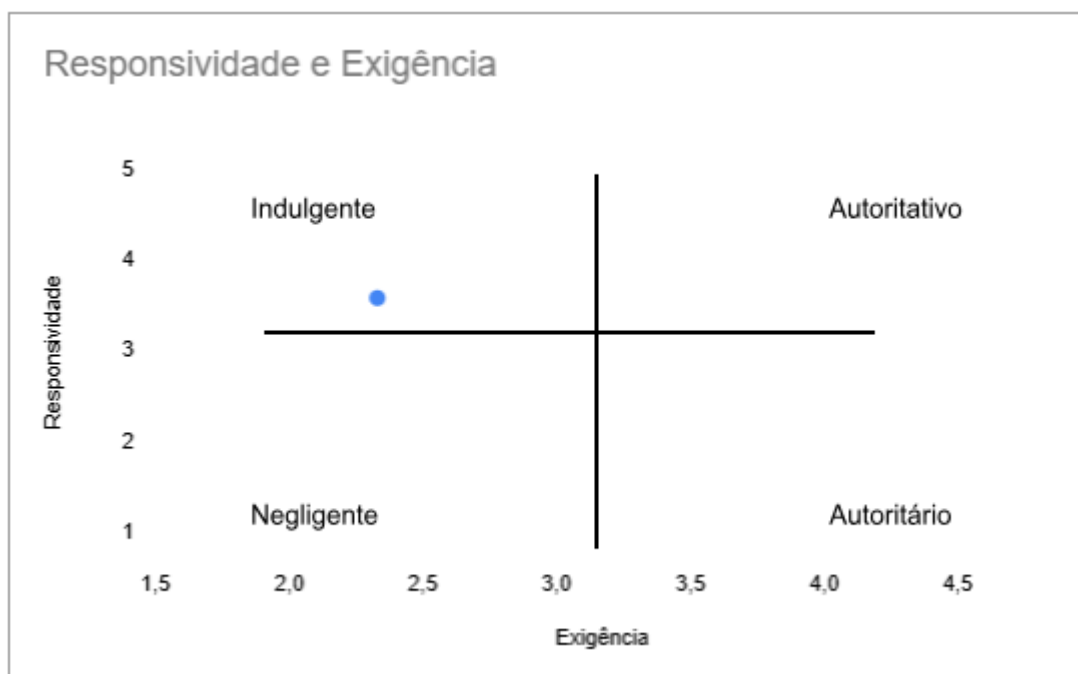


Figura 1. Quadrante do resultado da escala de Exigência e Responsividade Parental (EREP) da Participante B

Nota: as linhas do quadrante representam a média obtida na validação da escala de acordo com o estudo de Ambiel et al., 2019, sendo média 3,17 para Exigência Materna e 3,12 para Responsividade Materna.

Os resultados obtidos na EREP da Participante B, apresentados na Tabela 1 e na Figura 1, indicam uma percepção de exigência materna muito abaixo da média, o que sugere que, na visão da adolescente, sua mãe exerce baixo controle sobre metas, regras ou imposição de limites. Por outro lado, a responsividade materna foi percebida como acima da média, evidenciando que a mãe é vista como alguém que oferece apoio emocional e demonstra atitudes compreensivas (Teixeira et al., 2004).

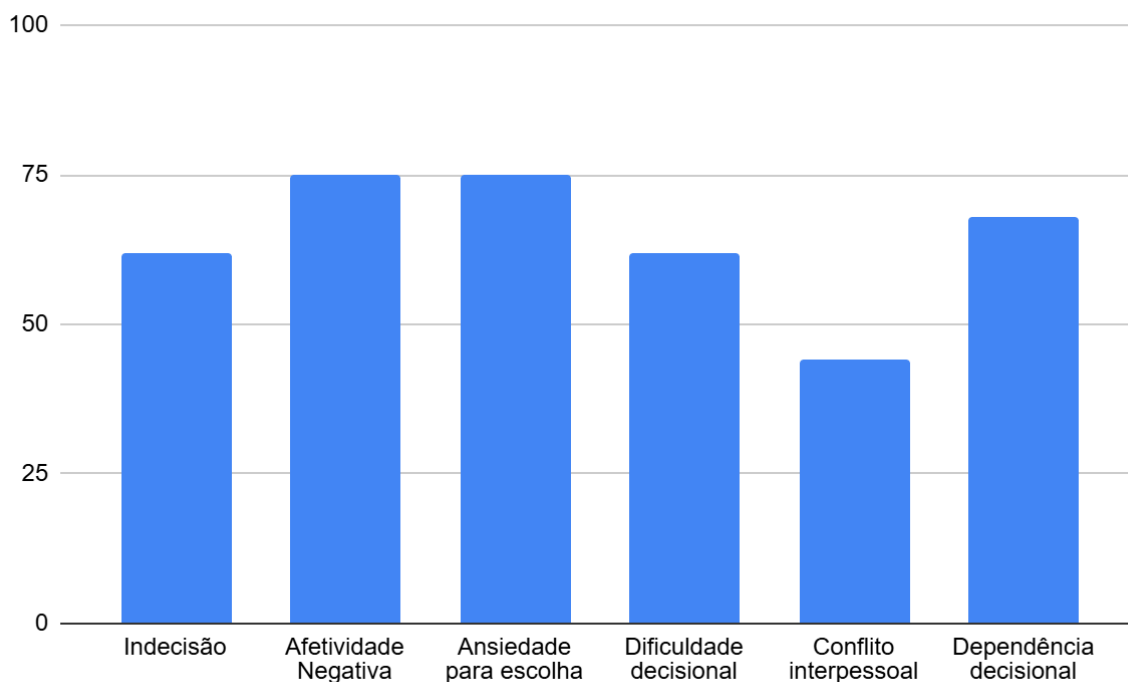
Em relação à ECPF-EP, os resultados demonstram que a congruência complementar encontra-se acima da média, e a congruência suplementar apresenta-se muito acima da média. Esses dados sugerem que a Participante B reconhece sua mãe como alguém que atende às suas necessidades relativas à exploração profissional e ao planejamento de carreira, além de perceber que há satisfação materna em relação à sua escolha profissional. A alta pontuação

em congruência suplementar também indica que mãe e filha compartilham ideias semelhantes sobre interesses, valores e objetivos profissionais (Ambiel et al., 2019).

No Gráfico 1, são apresentados os resultados da EAIC. Considera-se como baixo o percentil menor que 25, médio entre 25 e 50, e alto maior que 75. A Participante B obteve percentil elevados nos fatores Afetividade Negativa (Alto; 75%) e Ansiedade para a Escolha (Alto; 75%), e percentil médio em Dependência Decisional (Médio; 68%). A pontuação elevada em Afetividade Negativa pode refletir instabilidade emocional, acompanhada de preocupação, apreensão, desesperança, tristeza e dificuldades em lidar com demandas da escolha profissional. Já o percentil alto de Ansiedade para a Escolha pode indicar níveis significativos de perfeccionismo, insegurança, medo do futuro e preocupação excessiva com a tomada de decisão. Por fim, a pontuação média em Dependência Decisional sugere que a adolescente possui uma dependência emocional moderada, o que pode se manifestar por meio da necessidade de aprovação e suporte de outras pessoas, bem como dificuldade em enfrentar críticas ou desaprovações relacionadas ao seu planejamento de carreira (Salvador et al., 2023)

Gráfico 1

Resultados da Escala Andante de Indecisão de Carreira da Participante B



Percentis gerados pelo sistema

O Gráfico 2 apresenta os resultados da EAIP, contemplando os seis tipos do modelo RIASEC tanto da Participante B quanto de sua mãe, permitindo uma comparação entre os perfis de interesse de ambas. A Participante B apresentou como perfis predominantes os tipos Social (59%), Artístico (55%) e Investigativo (43%). Já sua mãe obteve pontuações mais elevadas nos perfis Convencional (68%), Artístico (67%) e Empreendedor (50%). Nota-se, portanto, que mãe e filha compartilham interesse pelas atividades do tipo Artístico, o que pode representar um ponto de convergência nos modos de se relacionar com o mundo do trabalho. Os resultados das escalas reforçam as diferenças e complementaridades na díade.

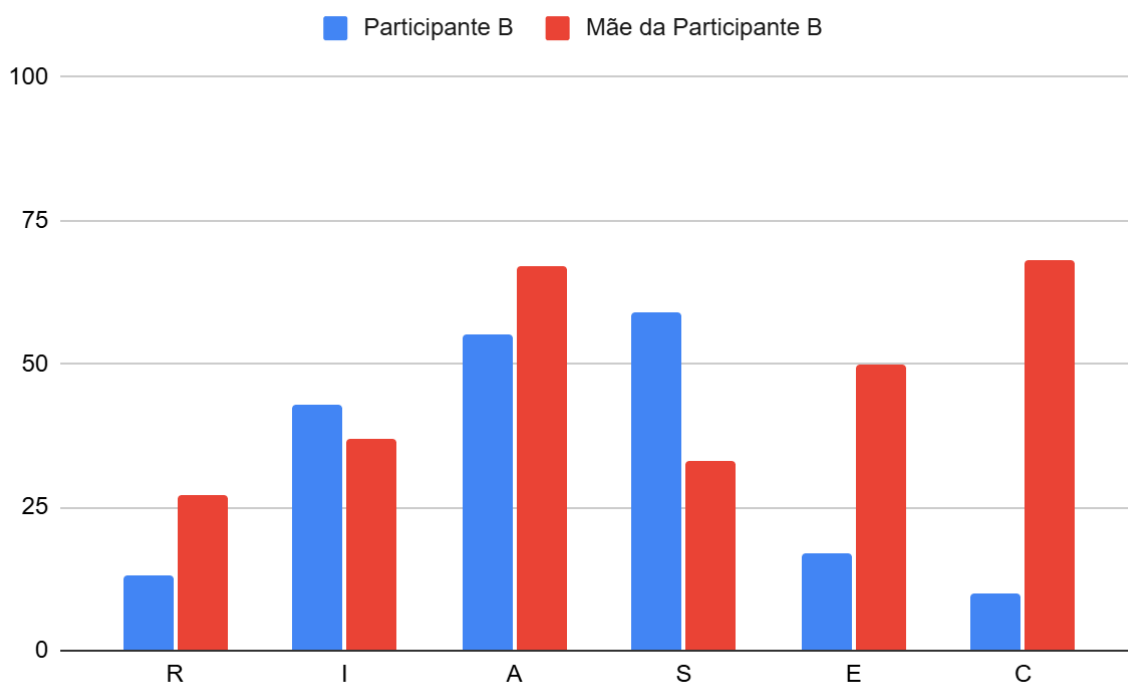
O tipo Social é característico de pessoas que preferem atividades baseadas no contato interpessoal, como informar, treinar, cuidar, ensinar ou ajudar os outros, e que tendem a evitar tarefas sistemáticas ou concretas envolvendo objetos e máquinas. Já o tipo Artístico é

associado a indivíduos que valorizam atividades livres, criativas e não estruturadas, envolvendo expressão por meio de materiais físicos, verbais ou humanos, com aversão a rotinas e estruturas rígidas (Martins et al., 2023).

O perfil Investigativo, também presente na adolescente, é típico de pessoas que se interessam por explorar fenômenos físicos, biológicos ou culturais por meio da observação, análise e investigação sistemática, geralmente buscando a compreensão profunda dos fenômenos. Em contraste, o perfil Convencional, predominante na mãe, é representativo de indivíduos que preferem atividades organizadas, estruturadas e regidas por normas claras, como a manipulação de dados, arquivamento ou manutenção de registros. Por fim, o tipo Empreendedor, também observado na mãe, é característico de pessoas que preferem lidar com outras pessoas com o objetivo de atingir metas, influenciar, persuadir ou liderar, e geralmente demonstram menor afinidade com atividades voltadas à pesquisa ou investigação científica (Martins et al., 2023).

Gráfico 2

Resultados da escala Andante de Interesses Profissionais da Participante B e sua mãe



Percentis gerados pelo sistema

A seguir, a síntese das entrevistas realizadas com a Participante B e sua mãe. Serão descritas separadamente cada encontro com cada participante.

Síntese das entrevistas

1ª entrevista com a Participante B

Participante B, ao responder a primeira pergunta sobre significado de “trabalhar”, explica que é “Alguma coisa que você faz para ganhar dinheiro, para se sustentar. Conseguir viver nesse mundo que você precisa de dinheiro pra sobreviver”. A segunda pergunta da entrevista, sobre o que sabe a respeito do trabalho/emprego da mãe, Participante B afirma que “a mãe estava trabalhando em evento de construtores e também passando informações do papel para o digital”, e destaca que ela é engenheira civil que atua na organização de

documentos, evidenciando uma atuação voltada para o escritório “é de escritório, no escritório, e eu nunca vi que ela construiu algo”. Em relação à terceira pergunta da entrevista, sobre o que ela acha da vida profissional da mãe, Participante B compartilha que “tá tentando outros empregos, parece que o chefe não acredita muito nela”, mencionando inclusive a demissão e as dificuldades para manter e prosperar no emprego.

A adolescente comentou ainda sobre sua percepção acerca das dificuldades do mercado de trabalho e cita seu pai: “meu pai fala que já viu muita gente que, ele usa o termo: *overqualified*, que tem muita formação, tipo doutorado, e não consegue emprego porque a pessoa que quer empregar não consegue dar o salário devido pra essa pessoa (...)”. Ela acrescenta que “o que eu estou estudando na escola também é que essa nova coisa da indústria 4.0, que tem essas coisas de máquinas substituindo pessoas. Mas eu não acho que é tanto assim, mas também pode ter um pouco a ver. Às vezes eu acho que também a idade é um fator que também pode afetar na hora de conseguir emprego”.

Ao responder a última pergunta da entrevista, sobre expectativas para seu futuro profissional, a Participante B demonstra otimismo ao justificar: “Eu acho que isso pode me levar de alguma forma a ter uma vida profissional boa”. Quando questionada sobre sua profissão futura, ela explica: “minha mãe tá falando uma resposta por mim por essa pergunta, que eu acho que é bem mesmo que ela fala, que ela responde por mim, porque eu não gosto muito (de falar) desse assunto com as outras pessoas, mas eu acho que é exatamente a resposta que ela faz, que é na área de saúde. Que eu sou surda, e daí eu queria fazer alguma coisa relacionada à fonoaudiologia, que tem relação com a minha deficiência e também eu até pensaria em Medicina, mas tenho um pouquinho de medo (...) essa coisa de que tem que tirar uma notona pra conseguir”. A Participante B também conta que, com a aproximação dos estudos para o ENEM, passou a sentir “nervoso, ansiedade, todo mundo fica falando isso e aí

fica meio chato”.

Em referência às influências familiares, Participante B afirma: “eu acho que é mais por causa que minha mãe fez Poli (USP), meu pai fez Poli, meu avô também fez Poli. São todos Engenheiros”. A respeito de sua deficiência, ela relata o diagnóstico de surdez profunda, constatado em sua infância, e destaca: “Sim, justamente porque eu tive acompanhamento de umas fonos que eu adoro e que eu tenho até hoje, e elas são as mesmas fonos de quando eu era pequenininha”. Contou que foi convidada pela equipe da clínica a passar algumas horas observando o atendimento de outros pacientes: “Acompanhei o atendimento com ela (fono), e foi muito engraçado porque eu, implantada, acompanhei o atendimento de implantados. E tinha uma menininha pequenininha, bem novinha, e ela tinha implantes. E aí a fono chamou a menininha e disse: ‘deixa eu te contar um segredo’ e aí ela mostrou o meu implante e a menininha abriu um sorriso. Dá pra ver que vale a pena as coisas, e a fono deve pensar que valeu a pena”. Embora o avô sugerisse que ela fosse médica, a Participante B sempre manifestou preferência pela fonoaudiologia.

Após as 4 perguntas da entrevista semiestruturada, a Participante B iniciou a responder às escalas propostas. Durante a aplicação da Escala de Congruência entre Pais e Filhos, a adolescente comentou que, se tivesse que pensar em seu pai, “seria tudo diferente, pois apesar de ser engenheiro, é um médico não formado, tem muito interesse em medicina, saúde”. Comentou também, durante o momento em que respondia a Escala Andante de Interesses Profissionais sobre uma experiência escolar envolvendo os itinerários do novo ensino médio: “Uma coisa engraçada, falando em interesses profissionais parecidos, minha mãe é tão oposto meu, que nesse novo ensino médio você pode escolher os itinerários de que você tem mais interesse, né? Daí, quando apresentaram pra minha mãe, tinha uma matéria que quando falaram pra ela ficou tipo: ‘Quem iria escolher isso?’. E era (o itinerário) Histórias das

Pandemias Mundiais, E chegando em casa eu falei: ‘Mamãe, escolhi as pandemias mundiais!’”, reforçando com o relato o quanto são diferentes.

2ª entrevista com a Participante B - ETH - Escores Transformados em Histórias

A Participante B, no segundo encontro, teve acesso às suas respostas na EAIP e foi solicitada a selecionar, das várias frases escolhidas, as cinco mais preferidas e as cinco mais rejeitadas. Durante o processo de escolha, a adolescente fazia alguns comentários sobre ser boa em matemática apesar de não gostar, sobre não saber e nem se interessar por bolsa de valores e mercado de ação.

Abaixo, a seleção das frases da participante B e seus comentários:

Frases selecionadas: cinco mais rejeitadas.

1. Desenvolver fórmulas matemáticas: Apesar de se considerar boa em matemática, não gosta de realizar cálculos, especialmente os mais complexos, que considera desnecessários para seu futuro profissional. “Não Gosto muito, eu não gosto de ficar fazendo conta, da matemática em geral. Soma, essas coisas mais básicas sim, mas uma coisa mais complicada, eu acho que às vezes não é tão necessário assim. Até tem motivo (para existir contas complicadas), mas eu não vou usar. Claro que vai ter um pouco, né? Das coisas relacionadas à saúde, tipo em química, mas não extremamente complicado.”
2. Revisar a política organizacional sobre novas contratações: Acha tedioso ler e reler documentos, sentindo-se desmotivada ao precisar revisar informações repetidamente. “Porque eu acho que vai ser muito tedioso. De que vai precisar ler várias vezes, aí quando eu vou lendo várias vezes eu já vou ‘ai, porque que eu tô fazendo isso? Aí tá,

eu sei disso, aí sei lá o quê’, eu fico meio: não aguento mais ler isso pra fazer uma coisa assim. Fica meio chato você ficar relendo”.

3. Realizar os cuidados de higiene pessoal em pacientes impossibilitados: Considera essa atividade "nojenta" e não se sente confortável em realizá-la, embora não tenha problemas com curativos e machucados. “Não, é muito nojento!! Eu tava pensando em mais nas necessidades básicas, tipo ir no banheiro tomar banho. Mas curativo, sim. Entre minha mãe e minha irmã eu sou a que aguenta ver coisas de machucado. Ah, teve uma vez que minha mãe fez uma cirurgia e eu tive que cuidar dos curativos, porque ela mesma não gostava de ver eu ok.”
4. Recepcionar os convidados de uma festa: Acha a tarefa repetitiva e desnecessária, pois considera que cumprimentar as pessoas deveria ser algo mais espontâneo. “Porque é tipo, eu sei que é mais por educação, às vezes eu acho que é tipo desnecessário, porque eu, por exemplo, eu falo oi para todo mundo, mas eu nunca achei que isso (sobre recepcionar) sempre fosse necessário. Daí eu acho que essa pessoa, de recepção, ela vai ficar falando toda hora a mesma coisa, tipo em intervalos de minuto, às vezes segundos e daí eu acho que isso é meio chato e repetitivo.” Explica que atividades repetitivas a desgastam. Sobre cumprimentos e socialização, conta que não é de ficar com grupos na escola, fica mais sozinha e senta na frente, devido ao implante e dificuldade para ouvir. Em festa de família, com as primas fica mais sociável, bem como no recreio. No grupo, conta que é a que fala menos: “Escuto mais, mas eu queria conseguir falar mais. Eu acho que tipo uma coisa que eu me pergunto muito das minhas relações é que eu não sei muito como se aproximar. Tipo, tem aquela aquele clichê de amigo ‘ah eu sei tudo sobre essa pessoa, sei lá o quê’ e tipo, eu queria ter alguma coisa assim, mas só que eu não sei como eu faço isso”.

5. Catalogar arquivos em um escritório: Não gosta de organização padronizada e prefere categorizar objetos e materiais de acordo com sua própria lógica, o que pode diferir do convencional. “Porque eu também acho entediante. Minha mãe sempre julga que eu tenho um jeito meu, próprio de organizar as coisas. Porque tem uma organização meio óbvia também, mas é uma organização que minha mãe não acha organizada. Eu organizo coisas às vezes por alfabeto, mas tipo, por exemplo, os livros da escola, ela queria organizar de um jeito que cada livro de cada matéria ficasse junto, mas eu não faço assim, por quê? Porque eu tenho esse organizador aqui (mostrou na câmera um suporte de acrílico), e daí tenho livros grossos do ensino médio, e eles são 3 livros assim, em um só (livros capa mole). Daí se você deixar ele mais soltinho, ele se amassa, daí eu pego os outros livros e encaixo lá, e tanto faz a matéria”. Dos livros de literatura que tem, gosta de arrumar deixando os mais bonitos na frente, os de capa feia atrás, e esconde os que não gostou ou abandonou.

Frases selecionadas: cinco mais preferidas.

1. Diagnosticar transtornos mentais: Tem interesse em psicologia e psiquiatria, motivado por pesquisas e conteúdos encontrados na internet durante a pandemia. Gosta da ideia de ajudar as pessoas a se entenderem melhor. “ É que eu acho que eu sou uma pessoa interessada nessa coisa de psicologia, transtornos mentais, assim eu acho interessante. (...). Eu acho legal assim ajudar a pessoa conseguir se cuidar e identificar essa coisa para ela se entender, entender alguns comportamentos dela”. Conta que se interessa por psiquiatria e psicologia, mas fonoaudiologia ainda fica na frente, com uma dificuldade em escolher também em relação à medicina.
2. Fornecer primeiros socorros a uma pessoa que sofreu um acidente: Aprecia a área da saúde e admira profissionais que atuam nesse setor. Afirmo que, apesar de poder ficar

tensa em situações de pressão, tende a agir rapidamente. “Por que eu gosto dessas coisas de saúde, eu gosto de tipo, eu não vi Gray’s Anatomy, mas a minha mãe viu e achava legal tipo, um médico lá para cuidar das pessoas. Assim eu achei isso legal. Daí eu gostaria de ser essa pessoa. Sobre lidar com pressão e ficar tensa, explica: “Eu acho que depende da situação, mas eu acho que eu sou mais do agir.”

3. Desenvolver um novo tratamento ou procedimento médico: Tem interesse em pesquisa na área da saúde e gosta de estudar doenças, sem comentários adicionais.
4. Fazer trabalho voluntário em uma ONG: Já participa da ONG CISV, que promove liderança global e atividades voltadas para reflexões sociais. Relata ter feito três programas internacionais e nacionais, mas este ano não poderá continuar devido às demandas do vestibular. “Eu acho legal, na verdade faço parte de um, que é a CISV (Children International Summer Future) (...). O objetivo dela é promover a liderança global, formar líderes na comunidade global. Pode ser, aqui na cidade, atividade de ajudar sem teto, mas pode ser viagens internacionais e nacionais pra você interagir com pessoas diferentes e fazer atividades que promovem a liderança e você pensar sobre os problemas que existem”. Sobre seus anos de participação, contou: “Eu fiquei na Colômbia por um mês, eu fui pra Miami e fiquei 3 semanas lá e eu fui para Brasília”. Contou que o primo faz também e a irmã só fez 1 programa.
5. Realizar pesquisas na área da Medicina: Gosta de Biologia, especialmente de temas relacionados ao corpo humano, mas não se interessa por conteúdos mais abstratos, como cromossomos e células.

Enquanto o resultado foi sendo apresentado (Social, Artístico e Investigativo), a Participante B comentou que é muito ruim em atividades argumentativas, quando o perfil empreendedor foi explicado. Ao ouvir sobre o perfil artístico, riu e comentou sobre a característica de ser desorganizada, que gostava de mangá, desenhar, cozinhar, fazer origami

(mostrou na câmera o que faz). “E eu fiquei meio em dúvida entre escolher algumas mais relacionadas à saúde. Eu fiquei ‘nossa, devia ter escolhido outra’”. A técnica ETH confirmou o interesse da participante pela área da saúde e um perfil que equilibra aspectos sociais e artísticos, com menor inclinação para atividades estruturadas ou empreendedoras.

1ª entrevista com a mãe da Participante B

A mãe da participante B inicia sua fala discutindo o conceito de trabalhar e afirma que, para ela, “é executar algo que você escolheu para ser remunerado e te trazer benefícios, tanto para realização pessoal, profissional como financeiro”. Em relação à sua trajetória profissional, declara: “eu sou engenheira civil, nunca tive dúvida quanto a qual profissão escolher, porque sempre fui muito mais das exatas na escola. Eu tinha uma pequena dúvida com relação à arquitetura quando eu estava no colegial, mas eu vi que era muito mais artístico do que eu imaginava”.

Após concluir sua formação na Poli (USP) e iniciar um estágio em São Paulo, a mãe da participante B trabalhou por 18 anos em uma empresa, onde desempenhou diversas funções. Ela relata: “Então eu fiquei lá 18 anos. E dentro dessa empresa eu praticamente exerci todas as funções possíveis, eu entrei na área Comercial que era minha menos preferida (...) Depois eu fui para a área de projeto mesmo, então a maior parte do tempo trabalhei com gerenciamento de projetos (...) na área de controle de custos e controle de prazos”. A mãe da participante B relata que trabalhou na área de proposta, de obras, de controle de custos e gastos, auditoria interna, controladoria e gerenciamento de projetos, ressaltando que “Sempre tinha corte e por isso que eu mudava tanto de área”.

Comenta ainda sobre sua demissão: “Bem no dia que eu completei 18 anos (na empresa) eu fui mandada embora (...) aí eu dei uma despirocada”. Ao explicar essa situação,

ocorrida há 11 anos, ela acrescenta: “Eu fiz muita terapia, a gente olha para a análise da psicóloga e, na verdade, verdadeira, o que me tirou mais o chão foi a separação que foi 2 anos antes (...) Estava alterada, pessoalmente, então eu acho que isso impactou no meu rendimento”. Em seguida, relata sua experiência em outro ramo, no qual atuou por 3 anos, mas reconhece que “não cresci muito nesse ramo (...) sobre ter que se vender para clientes. Tem que vender sabe? (...) tem que fazer propaganda. Eu gosto de pegar coisas já vendida!”.

Atualmente, a mãe da participante B trabalha com o ex-marido desde 2018, embora demonstre insatisfação com a situação: “Eu comecei em 2018, então eu tô lá até hoje, mas querendo sair porque, também esse casamento não deu certo”. Ela relata ainda que está sendo subutilizada, pois tem uma outra funcionária que faz algo parecido com o que ela faz: “a empresa (do ex-marido) tá no nível assim que não cabe mais 2 pessoas (para fazer o que ela faz), mas eu ainda não consegui sair, então eu ainda tenho isso só que, desde o ano passado eu tô numa busca mais constante de trabalho”. Além disso, para ampliar seu networking e conhecer novas pessoas, ela também atua em uma entidade representativa de sua área, mas que não precisaria ser engenheira civil para trabalhar nesse local.

No que se refere às atividades que mais lhe agradam, destaca o gerenciamento de projetos na controladoria: “organização do controle, se está tudo acontecendo conforme planejado, de fazer reporte pros gerentes diretores. É o que eu mais curto de fazer sou bem operacional!”. Sobre compartilhar sua trajetória profissional com a filha, a mãe da participante B afirma: “Sim, elas (as filhas gêmeas) sabem de tudo isso e ainda mais agora nessa fase de colegial, né?” e enfatiza que “Eu nunca tentei falar: olha, vocês precisam saber se vender. Não é esse tipo de conversa que eu tenho”.

A respeito das expectativas para a vida profissional da filha, ela comenta: “Eu e a Participante B, nós não somos muito parecidas no jeito de ser, eu acho. Eu admiro muito o

brilho que ela tem nos olhos pra algumas coisas e ela fica brava comigo!”. Ela ainda narra um episódio ocorrido durante a apresentação dos itinerários escolares na pandemia de COVID-19: “e o professor falou: História das pandemias mundiais, e eu, do lado do computador, assim ‘quem vai querer isso, pelo amor de Deus?’, e, no dia seguinte, a Participante B chega em casa e fala: escolhi a história das pandemias!”. Por fim, ela ressalta o entusiasmo da filha por temas relacionados à saúde: “então, eu acho isso máximo! Eu acho que ela tem que trabalhar na área da saúde! Não importa com o que, porque né, não é só a medicina (...) mas por tudo que ela viveu. (...) Fonoaudiologicamente falando, eu acho o máximo se ela fizer alguma coisa nisso porque nós somos muito apaixonadas pelos profissionais que trabalharam com ela”.

2ª entrevista - ETH mãe da Participante B

No segundo encontro, a mãe da Participante B teve acesso às suas respostas da EAIP e foi solicitada a selecionar, dentre as frases que escolheu, as cinco mais preferidas e as cinco mais rejeitadas. Durante a entrevista, compartilhou reflexões sobre suas próprias experiências profissionais e acadêmicas, revelando aspectos de sua personalidade e preferências de carreira.

Abaixo, a seleção das frases da mãe da Participante B e seus comentários:

Frases selecionadas: cinco mais rejeitadas

1. Fazer faxinas em residências ou empresas: Relatou que nunca aprendeu a realizar tarefas de limpeza profunda, embora goste de arrumação. Lembrou-se de uma experiência frustrante ao tentar limpar um apartamento pequeno, o que a fez perceber que não tinha habilidades para isso. “Ah, porque não aprendi a fazer isso nessa vida (risos). Até tem uma história engraçada que eu, quando eu fui morar com o pai das

meninas, era um apartamento bem pequenininho e aí (pensei) ‘agora eu sou dona da casa, né?’ Depois dos primeiros 5 minutos limpando o banheiro, comecei a chorar de não saber fazer aquilo, que era muito pequenininho. O rodo não passava no vão, então assim, eu sou a pessoa da arrumação, mas não sou a neurótica da limpeza”.

2. Testar hipóteses científicas por meio de análises estatísticas: Expressou forte aversão à estatística, mencionando que teve dificuldades com a disciplina na faculdade.

Explicou que a incerteza dos testes estatísticos e a necessidade de trabalhar com dados desconhecidos são aspectos que não lhe agradam. Contou que cursou engenharia civil por influência do pai. “Detesto estatística e sei que estatística está por trás de tudo e qualquer profissão tem a matéria estatística, mas eu bombei estatística na faculdade. É uma coisa que eu tenho um pouco de dificuldade, da análise estatística”. Ao ser questionada sobre como diferenciava exatas, matemática e estatística, contou: “Então, as hipóteses! Esses testes, esses não sabidos! Eu tava trabalhando isso na minha sessão de terapia, essa questão do desconhecido, esse negócio de ficar testando. É uma coisa que não me agrada” Contou que reprovou na matéria de estatística: “É porque eu fiz engenharia civil, né? E por conta da grade horária, já comecei levando umas bombas em outras coisas, em física e tal, e aí eu não fiz estatística com engenharia civil. A besta resolveu fazer então com a mecatrônica, que era a engenharia mais difícil que todas!” Sobre ter feito estatística com outra turma, explica: “Inocente, por ignorância, porque eu não sabia. Achava que era igual pra todas as engenharias. É mais ou menos a mesma ignorância que eu escolhi no vestibular, porque na primeira opção era engenharia civil e foi o que eu passei. Só que as outras opções eram engenharia, muito mais difíceis de passar”. “Meu pai era engenheiro civil e trabalhou a vida inteira com habitação popular e eu tinha esse encanto, de construção. Eu até tinha cogitado a arquitetura antes, né. Aí eu no primeiro colegial já comecei a fazer curso de desenho,

só que daí era muito artístico, pra mim aí eu falei, ‘ah, vou mais para um técnico’. Até hoje mesmo eu nunca construí nenhum muro, nunca fiz nenhum projeto, mas eu não teria escolhido outra faculdade até hoje. Eu gosto desse mundo”.

3. Utilizar uma arma de fogo para proteger outras pessoas: Demonstrou repulsa em relação ao uso de armas de fogo, afirmando que nunca teve contato com uma e que o simples pensamento a assusta. “Arma de fogo é uma coisa que me arrepia dos pés à cabeça, não consigo nem passar perto, sabe? Uma coisa que eu nunca nem vi de perto na vida. Uhum, me assusta mesmo”.
4. Fazer curativos em pessoas feridas: Relatou que tem dificuldade em lidar com ferimentos. Contou um episódio em que desmaiou ao ver a filha machucada no hospital. “Ah, eu, com feridas? Eu travo. Igual computador, preciso dar Ctrl + Alt = Del. Dá tela azul”. Quando a filha caiu de bicicleta, ficou com o rosto muito machucado, levou muitos pontos, quebrou os dentes, e quando foi encontrá-la no hospital (estava com o pai), desmaiou. A filha que a acalmou.
5. Cuidar de pacientes em estado terminal: Comentou que a proximidade com a morte é algo desafiador para ela. Compartilhou uma experiência pessoal de acompanhar de perto a doença e o falecimento da avó paterna de suas filhas, destacando que se envolveria emocionalmente demais para conseguir atuar nessa área. “É difícil lidar com esse fim tão próximo, né?”. “Eu participei bem proximamente da morte da avó delas (das filhas), elas nem existiam ainda. Eu era namorada do pai delas, e ela descobriu câncer, e em 4 meses ela morreu. Eu não sei se eu conseguiria manter a distância, por exemplo, eu sendo médica e um paciente que eu não conheça. Mesmo assim, eu não conseguiria não me envolver com a história”.

Frases selecionadas: cinco mais preferidas

1. Conferir relatórios de trabalho: Disse gostar muito dessa atividade, destacando seu perfil operacional. Relatou que tem facilidade em identificar erros, mas que enfrenta dificuldades em apontá-los quando a pessoa envolvida é próxima. “Adoro, sou super operacional! Meio doida, acho que só eu no mundo gosto disso. Eu nunca cresci na carreira de ser gerente, diretora, nada, mas assim eu fico imaginando se eu fizesse isso, eu ia conferir o que a pessoa entregasse pra mim”. Questionada se consegue identificar falhas, quando faz conferências, comenta: “nossa, nessa empresa que eu tive com o meu segundo ex marido nossa, eu pegava muito, muita coisa. É aí, é um pouco também da minha dificuldade de falar pra pessoa que está errado, que vamos consertar, principalmente quando a pessoa é meio próxima e tá fazendo constantemente”.
2. Planejar o orçamento de gastos de uma empresa: Explicou que tem afinidade com planejamento financeiro e que essa foi uma das áreas que mais lhe interessaram durante a faculdade de engenharia. “Adoro planilhar!” “dentro da engenharia tem matérias de gerenciamento, né? Tanto planejamento financeiro quanto de prazo, e foi o que mais me encantou na faculdade”.
3. Dançar em uma apresentação em grupo: Declarou que ama dançar. Atualmente, pratica ballet contemporâneo e incentiva as filhas a encontrarem atividades físicas que gostem. “Ah, isso é o que eu amo fazer, né! Em alguns momentos de crises na carreira eu pensava ‘ah,vou largar tudo e vou pro ballet!’ . Mas por enquanto é meu hobby. Eu faço isso eu danço”. “Hoje faço ballet contemporâneo, que também foi um aprendizado depois de velha, porque quando eu era criança era (ballet) clássico e eu nunca tive corpo de clássico e nunca fui estrela no clássico porque fisicamente não era minha praia e eu só fui descobrir isso adulta” , “O meu combinado era assim: vocês têm que fazer algum exercício e tem que fazer com o ciclo de um ano (...) e a

Participante B agora, mais velha, se fixou no tecido. Já faz uns 4, 5 anos que ela tá no tecido”.

4. Saber como gerenciar o dinheiro de outras pessoas: Relatou que adquiriu conhecimento sobre investimentos financeiros e que gosta de ajudar outras pessoas a organizarem suas finanças. No entanto, reconhece que nem sempre é fácil convencer os outros a seguirem conselhos financeiros. “De novo né tentar organizar a vida das pessoas numerologicamente, não astrologicamente, mas financeiramente, né? (risos) Eu acho legal ajudar as pessoas com isso porque também foi uma coisa que eu aprendi nesse tempo trabalhando com investimento financeiro. Tem muita gente que bate a cabeça por aí. Só que assim, eu gosto de fazer isso, mas de novo né, barra naquele negócio de você poder explicar para as pessoas, de como elas devem fazer, do convencimento, né?”
5. Trabalhar em um escritório: Afirmou que prefere trabalhar em um ambiente corporativo ao invés de atuar por conta própria. Disse sentir saudades do ritmo dinâmico de um grande escritório e da interação com colegas. “Ah, eu prefiro demais. Também já tive as 2 experiências, né, de trabalhar por conta em casa e eu prefiro um grupo. Até hoje em dia, o que eu tô fazendo é no escritório, mas eu e mais 2 pessoas, eu tenho um monte de saudade daquele andar cheio de gente, aquele ritmo de escritório”.

Ao ver seus resultados, demonstrou surpresa com a combinação de traços convencionais e artísticos, considerando que parecem ser opostos: “Não, porque assim, olhando sem pensar muito, parece que são coisas antagônicas, né? Convencional do artístico, um artístico e convencional?” Mencionou que sua filha tem uma irmã gêmea, que também gostaria de participar da pesquisa, e comentou que os interesses familiares parecem se dividir

entre os pais e as filhas: o pai se identifica mais com a Participante B, enquanto ela tem mais afinidade com a outra filha.

Síntese Díade 1 - Participante B e mãe

A análise das entrevistas realizadas com a Participante B e sua mãe permitiu identificar uma relação complexa e coesa, mesmo diante de preferências profissionais distintas. Nas primeiras entrevistas com cada participante da díade, foi possível notar que ambas, apesar de serem diferentes quanto às preferências profissionais, demonstraram coesão e aparentemente boa comunicação entre elas, seja pelas histórias que contaram, como por exemplo sobre o itinerário das pandemias mundiais, ou até pelas falas que eram complementares, indicando o quanto eram gratas e admiravam o trabalho fonoaudiológico pelo qual a Participante B passou.

A filha demonstra estar em processo de construção de uma identidade profissional influenciada por suas experiências pessoais, como a convivência com a surdez e o acompanhamento fonoaudiológico, manifestando interesse em seguir uma carreira na área de saúde, especificamente em fonoaudiologia, apesar dos receios relacionados à exigência acadêmica e profissional. Por sua vez, a mãe da Participante B, tem sua trajetória profissional marcada por 18 anos de atuação na mesma empresa e ilustra uma carreira pautada por desafios e constantes mudanças, demonstrando ainda apoio e acolhimento em relação às escolhas de carreira da filha.

Em síntese, os relatos evidenciam que, mesmo com trajetórias e interesses distintos, a relação entre mãe e filha se caracteriza por uma comunicação eficaz e uma dinâmica que ressalta a importância do contexto familiar como elemento facilitador na construção de identidades, bem como experiências vividas.

Avaliação 2 - Díade 2:

Com essa díade, os encontros seguiram a seguinte ordem: a primeira entrevistada foi a mãe da Participante Rosa e, quatro dias depois, foi realizada a entrevista com a Participante Rosa. O segundo encontro com a mãe também ocorreu primeiro e, após o mesmo intervalo de quatro dias, foi realizado o segundo encontro com a Participante Rosa.

Tabela 2

Resultado da escala de Exigência e Responsividade Parental (EREP) e da Escala de Congruência entre Pais e Filhos para Escolha Profissional (ECPF - EP) da Participante Rosa

Exigência		Responsividade		Congruência Complementar		Congruência suplementar	
EB	Interpretação	EB	Interpretação	EB	Interpretação	EB	Interpretação
1,92	Muito abaixo da média	3,75	Acima da média	4,85	Acima da média	4,20	Muito acima da média

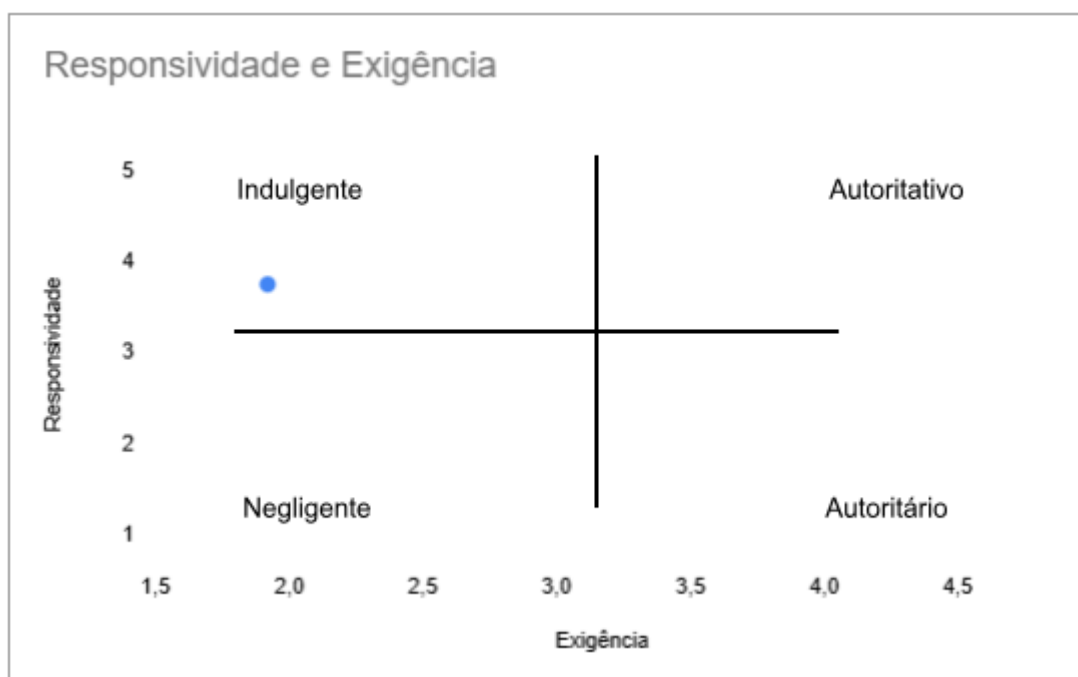


Figura 2. Quadrante do Resultados da Escala de Exigência e Responsividade Parental (EREP) da Participante Rosa

Nota: as linhas do quadrante representam a média obtida na validação da escala de acordo com o estudo de Ambiel et al., 2019, sendo média 3,17 para Exigência Materna e 3,12 para Responsividade Materna.

Os resultados da Participante Rosa para a EREP, apresentados na Tabela 2 e na Figura 2, revelam uma percepção de exigência materna muito abaixo da média, indicando que, segundo a adolescente, sua mãe exerce baixo controle sobre metas, regras e limites no contexto da relação parental. A responsividade materna foi percebida como acima da média, o que sugere que a mãe é compreendida como alguém que oferece suporte emocional, escuta e atitudes acolhedoras frente às demandas da filha (Teixeira et al., 2004).

No que se refere à ECPF-EP, os resultados da Participante Rosa indicam que a congruência complementar está acima da média, enquanto a congruência suplementar apresenta-se muito acima da média. Esses resultados sugerem que a adolescente percebe sua mãe como alguém que atende de forma significativa às suas necessidades relacionadas à exploração profissional e ao planejamento de carreira, além de indicar que há uma percepção de satisfação materna quanto à sua escolha profissional. A pontuação elevada em congruência suplementar também aponta que mãe e filha compartilham ideias semelhantes a respeito de interesses, valores e objetivos no âmbito profissional (Ambiel et al., 2019).

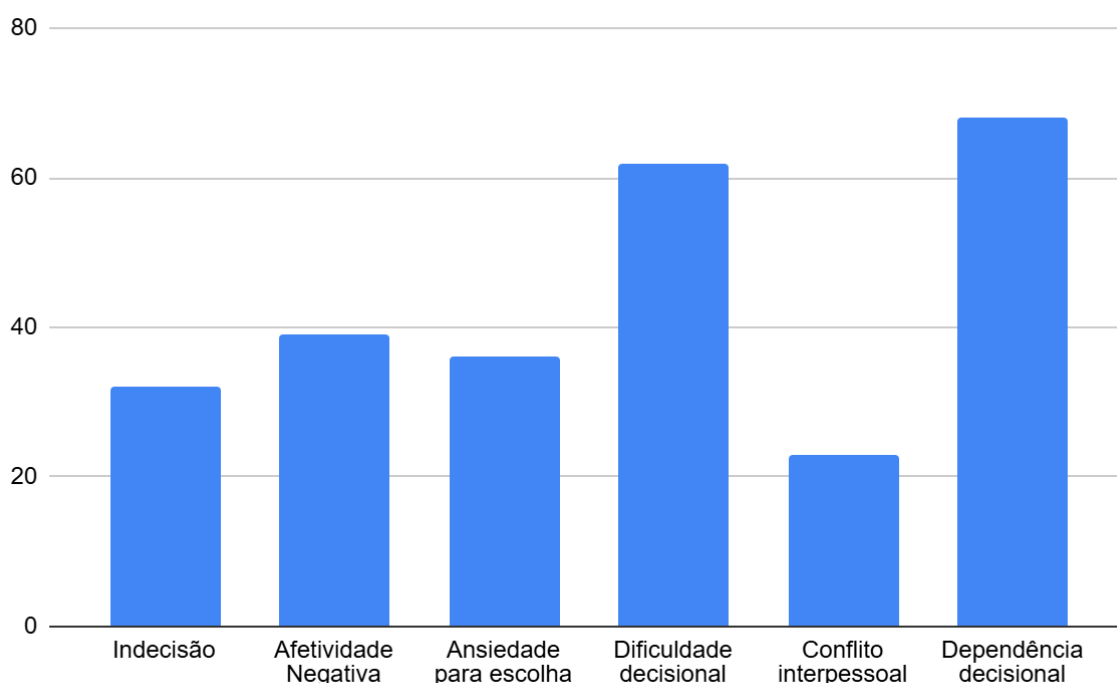
O Gráfico 3 apresenta os resultados da EAIC da Participante Rosa, considerando os critérios de classificação por percentis: baixos (abaixo de 25), médios (entre 25 e 50) e altos (acima de 75). As três maiores pontuações da adolescente estão dentro da média: Dependência Decisional (68%), Dificuldade Decisional (75%) e Afetividade Negativa (38%), não sendo identificado nenhum indicativo de altos níveis de indecisão profissional.

A pontuação intermediária em Dependência Decisional sugere que a participante tende a buscar aprovação e suporte de pessoas significativas em seu processo de escolha profissional, embora sem evidências de forte submissão ou passividade. Em Dificuldade

Decisional, o percentil observado pode indicar certa oscilação entre momentos de clareza e insegurança frente à definição de metas, elaboração de planos e tomada de decisões relativas à carreira. Já o desempenho médio em Afetividade Negativa aponta para uma estabilidade emocional moderada, com variações esperadas entre confiança e apreensão diante de escolhas importantes, sem que essas flutuações comprometam de forma expressiva sua capacidade de enfrentamento e decisão (Salvador et al., 2023). Esses resultados sugerem que a adolescente esteja vivenciando baixos conflitos internos e interpessoais e que esteja no processo de identificar mais informações acerca dos seus interesses.

Gráfico 3

Resultados da escala Andante de Indecisão de Carreira da Participante Rosa



Percentis gerados pelo sistema

O Gráfico 4 apresenta os resultados da EAIP, comparando os perfis de interesse da Participante Rosa e de sua mãe, com base nos seis tipos de interesses do modelo RIASEC. A

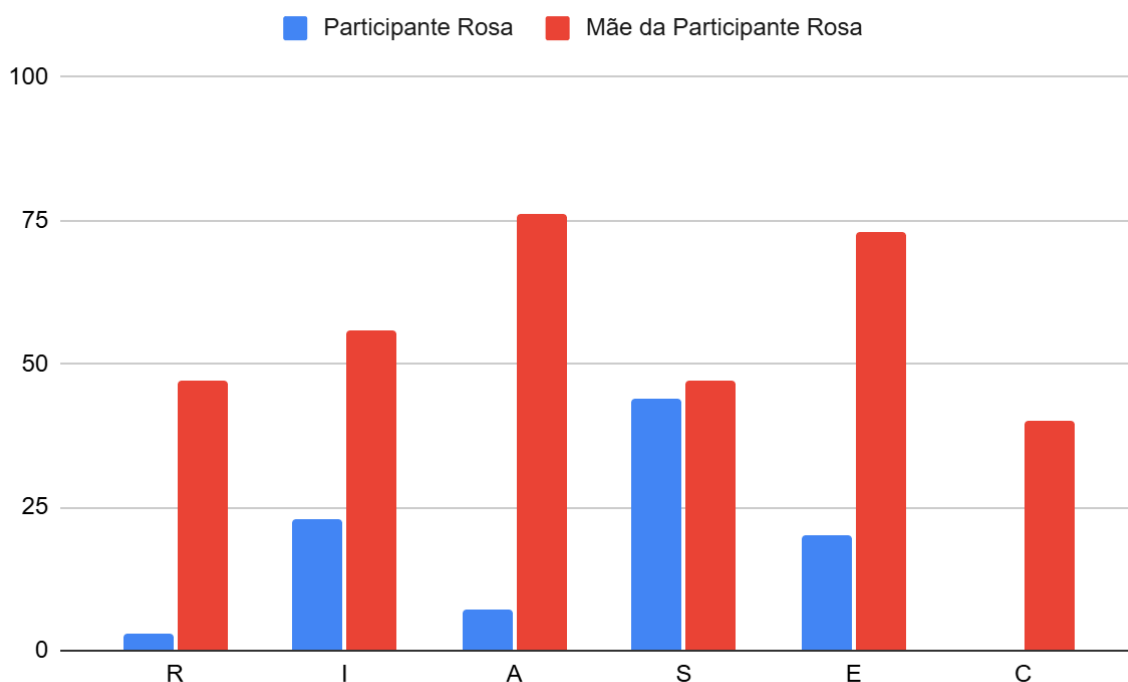
adolescente demonstrou maior identificação com os interesses Social (44%), Investigativo (23%) e Empreendedor (20%) e nenhuma pontuação para o perfil Convencional. Já sua mãe obteve pontuações mais expressivas nos perfis Artístico (78%), Empreendedor (73%) e Investigativo (56%). Observa-se, portanto, uma convergência nos interesses Empreendedor e Investigativo, presentes em ambas.

O tipo Social, predominante apenas na adolescente, refere-se a pessoas que tendem a se envolver em atividades que demandam interação interpessoal, como ensinar, orientar, cuidar ou ajudar, geralmente evitando tarefas mais técnicas, sistemáticas ou voltadas ao manuseio de objetos. O tipo Investigativo, identificado em mãe e filha, está associado a indivíduos com interesse em explorar e compreender fenômenos através de métodos analíticos e sistemáticos, revelando uma inclinação para atividades que envolvem observação, pesquisa e resolução de problemas (Martins et al., 2023).

O tipo Empreendedor, também compartilhado por ambas, caracteriza pessoas que preferem contextos nos quais possam influenciar, liderar ou persuadir os outros, geralmente com foco em metas e resultados práticos. Já o tipo Artístico, evidenciado apenas na mãe, indica preferência por atividades criativas e expressivas, pouco estruturadas, nas quais haja liberdade para inovação e manifestação estética, sendo comum a rejeição a tarefas rotineiras ou excessivamente organizadas (Martins et al., 2023).

Gráfico 4

Resultados da EAIP da Participante Rosa e sua mãe



Percentis gerados pelo sistema

Síntese das entrevistas

1ª entrevista com a Participante Rosa

A participante Rosa, ao responder sobre a definição do “trabalhar”, explicou: “Eu acho que trabalhar, no caso, é que seja com alguma coisa que eu realmente goste, porque eu acho que não é a mesma coisa se você não gosta e você fazer uma coisa só porque você tem que fazer pra ganhar dinheiro. Então eu acho que pra mim seria alguma coisa que eu goste que dê um bom retorno financeiro também”. Complementou sua fala ressaltando que, em seu ponto de vista, algumas pessoas não possuem tais opções “Ah, eu acho que nem sempre é pra todo mundo, não é a maioria né? Talvez fazer uma coisa que você goste, mas talvez pras pessoas seja elas conseguirem um meio de sustento, né?”.

Sobre a vida profissional de sua mãe, Participante Rosa relatou: “Minha mãe, ela é engenheira, e ela sempre me falou que não gosta. Eu sei que ela fez muitos amigos no meio.

Ela sempre fala que ela é grata por tudo que ela conseguiu pela engenharia, mas não é o que é o que realmente gosta, não tem orgulho e admiração”. Comentou que nunca ouviu algo positivo, apenas dos bons amigos que fez. Atualmente, sua mãe não atua mais na engenharia, estando matriculada em uma escola de culinária e atuando como estagiária em um restaurante.

Sobre o momento atual da mãe, comentou: “Ela tá mais feliz porque ela reclamava bastante! O trabalho dela também deixava bem mais limitado do que é hoje. Eu acho que ela mudou bastante. Eu acho que a relação quando você está fazendo uma coisa que você gosta por prazer é diferente, tipo assim... ela sempre falava que domingo ela sentia uma sensação ruim porque ela teria que trabalhar na segunda”.

Ao discutir trabalhar com algo que não se gosta, afirmou: “Pra mim, eu acho que deve ser exatamente isso, você fazer uma coisa, porque você meio que se inscreveu e você se sente na obrigação de fazer. Você realmente não tem a vontade de fazer e continuar, então eu acho que pra mim, não daria” e acrescentou: “Não tem a motivação e eu gosto de todas as coisas que eu gosto porque me dá uma motivação pra continuar e melhorar porque senão, não daria”.

Em relação às suas expectativas profissionais futuras, Participante Rosa diz que deseja seguir na área de Medicina. Explicou que não tinha muita certeza, mas também não tinha nenhuma segunda opção. Espera ver o impacto direto na vida das pessoas, o que não percebe na engenharia, por exemplo. Mesmo que construa um prédio, não vai conhecer a família que vai morar lá. Quando questionada sobre qual área, disse que faria algo “mais médico mesmo, não voltado para a estética”. Reforçou ainda o retorno financeiro e de impacto: “Ah, eu acho que quero ser feliz, e hoje, uma coisa que eu gostaria, é ter um retorno financeiro bom. E fazer alguma coisa boa para as pessoas que eu for ajudar”.

Apesar de ter manifestado interesse anterior por veterinária, em função de sua afinidade com cachorros, e ter recebido sugestões de sua mãe para seguir o caminho do Direito, Participante Rosa passou a considerar a Medicina a partir do 2º ano do ensino médio, também

influenciada por seu interesse em séries como Gray's Anatomy, mesmo reconhecendo que a vida real não se assemelha ao seriado. “Quando eu era pequena, eu sempre gostei muito de cachorro. Eu sempre falei que ia ser veterinária, e a minha mãe sempre falava que eu ia ser juíza. Aí eu acho que eu cresci pensando em ser juíza, mas quando cheguei no ensino médio no primeiro ano eu comecei a ter uma ideia de medicina”.

Após as 4 perguntas da entrevista, a adolescente iniciou as escalas e, durante o preenchimento da Escala de Responsividade e Exigência Parental, a Participante Rosa relatou sobre organização, que a mãe reclama quando, por exemplo, o cesto de lixo está cheio, “que não pode deixar assim porque atrai coisas ruins financeiramente”. Comentou ainda, enquanto respondia a Escala Andante de Indecisão de Carreira, sobre a trajetória de sua tia, “sempre quis medicina, só que ela foi tipo fazendo caminhos intermediários, ela fez Pedagogia, e ela fez Fonoaudiologia, e ela fez mais alguma coisa também, e agora ela formou em Medicina. Ela foi desviando (...) ela especializou em pessoas com baixa visão, ela ficou boa nesse meio, ela até trabalhou em uma clínica de oftalmologia, conheceu vários médicos, aí ela fez Medicina, formou no ano retrasado, e agora ela entrou na residência. E assim, eu não queria ter isso de tipo assim mudar de ideia, mas também eu vejo que assim, no final ela sempre fez o que ela queria e não foi um desperdício ela ter feito as coisas antes, porque ela se qualificou mais, ficou tipo à frente, né?”.

Expressou, ainda, receio quanto à possibilidade de escolher Medicina e não se identificar com a carreira, afirmando: “É porque assim, eu tenho um exemplo da minha tia e da minha mãe, que fizeram coisas que não gostaram. Aí eu não sei se é tipo questão de me frustrar ou o medo de eu ter perdido tempo pra depois voltar pra trás, ou eu também não ter coragem, igual a elas, de tipo, recuar por estar fazendo algo que eu não goste. Porque a medicina você tem que se dedicar para você entrar, durante o curso, e depois tem a residência. É um estilo de vida!”.

Participante Rosa comentou ainda, enquanto respondia a escala, sobre sua busca por informações a respeito da área médica, relatando uma situação em que perguntou a um profissional: “Eu já saí perguntando, uma vez eu perguntei: ah, você é médico por que? Ele: ah, porque meu pai e minha irmã são. Eu tava esperando tipo uma história! Eu vejo muito isso também. De as pessoas vão pra seguir a carreira dos pais, vejo muito, inclusive! Medicina e Direito, na cabeça das pessoas desde pequena!”. Ainda respondendo a escala, comentou sobre seus próximos passos, e disse que ainda não está estudando para medicina o quanto deveria: “tipo assim no meu caso, eu sei que eu tenho que estudar, mas eu não tenho ainda tipo um cronograma (...) já comprei as apostilas, mas sentar e estudar, ainda não!”

2ª entrevista com a Participante Rosa - ETH - Escores Transformados em Histórias

A Participante Rosa, no segundo encontro, teve acesso às suas respostas da EAIP e foi solicitada a selecionar, das várias frases escolhidas, as cinco mais preferidas e as cinco mais rejeitadas.

Frases selecionadas: cinco menos preferidas

1. Atuar como protagonista em uma peça de teatro: Relata que não gosta de se expor e que sente desconforto ao falar em público. “Ah, eu não gosto da exposição, fico super nervosa”. Sobre as apresentações que precisou fazer na escola, comentou: “Eu sempre tento decorar e falar. Não consigo falar de uma forma natural”. Conta que é comunicativa, que conversa, mas ao se sentir exposta, fica incomodada.
2. Cantar profissionalmente: Afirma que não canta bem e que teria vergonha de se apresentar em frente a outras pessoas. “Ia ser pobre, não tenho talento!” Conta que escuta música durante o dia, enquanto faz as coisas: “Eu canto, mas eu nunca decoro as letras!”

3. Fazer projetos artísticos (desenho, pintura, escultura): Embora aprecie arte, acredita que não tem habilidades manuais suficientes para atuar profissionalmente na área. “Eu acho que eu não tenho muito o dom de desenho não. Eu até gosto dessas coisas, mais manuais, mas não tenho o dom pra fazer profissionalmente uma coisa assim de arte, de jeito nenhum. Mas tipo assim, quando eu era pequena, eu gostava de fazer as roupas das minhas bonecas. Adorava”. Contou que tinha a ajuda da avó, com os retalhos, e que inventava as roupas, de acordo com o que a agradava. Na época acreditava que poderia ter pensado em estudar moda, mas hoje não é uma vontade.
4. Dançar em uma apresentação em grupo: Não gosta de dançar e sente vergonha de se apresentar diante de um público. “Não gosto de dançar, não gosto da exposição também!” Contou que não gosta de dançar nem quando sai: “Ah, não muito, tipo, fico no meu canto retraída”. Explicou que fez algumas aulas de ballet na escola porque precisava, para complementar o currículo, mas durou pouco tempo, saiu e foi para o judô.
5. Empilhar madeiras: Considera um trabalho fisicamente exigente e pouco interessante e de baixa remuneração. “Ai, eu acho que nisso de empilhar madeira, eu até ia gostar das coisas de fazenda, mas é mais por dinheiro mesmo. Eu acho que eu ia gostar dessas coisas, mas pensando em dinheiro né?” Justifica expondo o que pensa sobre a remuneração: “Ah, eu acho que o salário não é bom e também trabalha muito né? Essas coisas rurais, e é para ganhar muito pouco”.
6. Realizar truques de magia em um palco: Prefere não estar no centro das atenções e não se interessa por magia. “Ah, não teria habilidade e também de não gostar de ficar no palco”. Adiciona ainda que não gosta muito de magia: “Tipo, eu sei que vai ter algum truque então, não gosto”.

Frases selecionadas: cinco mais preferidas

1. Fazer curativos em pessoas feridas: Tem interesse na área da saúde e acredita que lidar com ferimentos é algo que poderia fazer bem. “É por ajudar, mas eu acho que eu ia gostar mesmo de tipo fazer sutura. Eu acho que realmente eu ia gostar!” “Ah, eu não sou uma pessoa que tipo vejo sangue e passa mal, ou me assusta. Na cirurgia deve ser legal também, tipo deve ser tenso, mas legal.”
2. Realizar procedimentos estéticos em clientes: Se interessa por cuidados com a aparência e procedimentos que ajudem as pessoas a se sentirem melhor consigo mesmas, mas apresentou dúvidas e indecisão sobre os objetivos finais da profissão. “Eu penso na dermatologia. Tipo assim, são 2 pontos: eu acho que deve ser super legal. Quando eu era pequena, uma vez que eu fui na dermatologista com a minha mãe, eu fiquei encantada com aquele armário cheio de amostrinha, e tipo ela me deu uma bolsa cheia de amostrinhas!” Em contrapartida, argumenta: “Eu acho que deve ser legal, mas aí eu fico pensando, tipo, será que vai nisso, numa coisa mais estética ou assim, você já vai na medicina numa coisa mais de tipo saúde mesmo?”
3. Fornecer primeiros socorros a uma pessoa acidentada: Acredita que manteria a calma e tomaria as medidas necessárias em uma situação de emergência. “Eu gostaria. Acho que não surto muito”
4. Organizar os preparativos de um casamento: Gosta de planejamento e de cuidar dos detalhes de eventos. “Eu gostaria de escolher bolo, flores”. Não se percebe detalhista, mas gosta de perceber que as coisas foram bem feitas. “Eu não gosto de ver a bagunça, então tipo assim se a minha mesa tá bagunçada, eu não gosto, mas se está dentro do armário onde eu não vejo, aí eu não ligo. Não gosto de ver”. Contou ainda que não faz festa de aniversário, que aproveita que seu aniversário é nas férias e vai sempre viajar, pois também não gosta de ser o centro das atenções.”Ainda bem, pra mim seria terrível cantar parabéns na escola!”

5. Realizar testes de laboratório para identificar doenças: Acha interessante o aspecto investigativo da área da saúde e a possibilidade de diagnosticar doenças. “Aí, eu acho que eu ia gostar, tipo pensando, não sei se trabalhar em um laboratório, mas acho que assim, essas coisas de doença. Acho que é mais em questão tipo assim: me dá os sintomas e eu tento descobrir o que é.”

Após o exercício de escolha e comentários acerca do que não faria e faria, foi explicado à participante Rosa, brevemente, sobre cada perfil, e identificou-se com o perfil Investigativo e Convencional, destacando que gosta de organização e planejamento, mas que não se sente confortável com exposição pública: “Acho que eu sou do investigativo, e talvez convencional. Porque assim, eu sou uma pessoa que assim, eu não gosto de exatas, e aí assim, se tem uma fórmula, eu só decoro!”

O resultado Social foi uma surpresa para ela, mas reconheceu que tem interesse em profissões que envolvem cuidar e ajudar outras pessoas. “Social? Nossa, não esperava. Depois de tirar todos os de artes, de apresentação, achei que de social já tinha tudo embora!”

Após a entrevista, a Participante Rosa recebeu o arquivo com seus resultados e, depois de ler o relatório, afirmou que a descrição faz sentido e que se sente mais segura sobre suas inclinações profissionais: “Acabei de ler tudo aqui e eu acho que realmente combina comigo essas essas descrições (...) Eu gosto de ter aquele retorno direto (...) E todas essas coisas de ajudar (...) cuidar, aparece educação, essas coisas. Eu acho que é tudo realmente voltado a isso. Então eu acho que é isso mesmo! Fiquei feliz que agora eu já tenho uma certeza a mais”.

Síntese primeira entrevista com mãe da participante Rosa

Ao iniciar a entrevista, a mãe da Participante Rosa respondeu a pergunta sobre o que significa trabalhar e apresentou sua definição como um mecanismo de sobrevivência e realização. Afirmou que “Trabalhar é um meio de sobrevivência, uma maneira de você

exercer uma atividade, que você coopere com a sociedade, e que você seja remunerado por isso para você suprir suas necessidades básicas, e até não básicas. É o movimento de preencher o seu dia, fazer alguma coisa que traga a realização e também a recompensa financeira. Na minha opinião, não adianta ser só por amor se você não consegue sobreviver e alcançar objetivos financeiramente”.

Relatando sua trajetória profissional, ela contou que: “na época do terceiro ano (Ensino Médio), não sabia o que queria fazer, pensava em ser veterinária, já que eu adoro os animais, adoro cachorro desde muito pequena, e aí, no dia da inscrição eu falei ‘ah vou fazer engenharia!’. Eu cursei a turma de exatas, mas eu não tinha certeza do que eu queria, e aí fiz engenharia na UFMG, em Belo Horizonte. Mas assim, eu nunca senti a vocação para engenharia”. Contou que o marido é engenheiro e muito diferente dela, ele se encanta com as engenhosidades, o que não acontece com ela. Quando se formou, foi morar no Rio de Janeiro e muitas outras mudanças aconteceram para diversas cidades e estados. Casou e mudaram de país, indo para Portugal e, depois que a filha nasceu, foram para a Jamaica. Todas essas mudanças foram determinadas principalmente por questões profissionais e após o nascimento da filha, passou a selecionar de modo diferente as mudanças sugeridas e solicitadas pelas empresas, e optou por ficar em definitivo na cidade que mora até hoje.

Após o retorno da Jamaica, a entrevistada ingressou em uma grande empresa reconhecida no ramo de energia, onde permaneceu por 14 anos até 2024. Nos últimos anos dessa experiência, sentiu-se deslocada durante as reuniões, comentando: “Eu já estava me sentindo muito um peixe fora d’água. E eu sempre gostei de gastronomia, confeitaria, essa sempre foi a minha paixão, mas como hobbie. E aí, eu saí do trabalho no ano passado e comecei a estudar na Le Cordon Bleu, e agora sou estagiária!”. Em sua trajetória nessa empresa desempenhou diversos papéis, de engenheira a gerente de projeto, chegando a

superintendente, destacando: “Eu era gerente de projeto, então a gente ganhava uma licitação, de geralmente 4 anos, e aí guiava a reforma dos tanques, fazia trabalhos de engenharia”.

Embora o aspecto financeiro e as boas amizades a tenham mantido na organização por tanto tempo, a rotina desgastante, especialmente a a mudança da cidade que morava para o litoral, que a obrigava a morar separadamente da família durante a semana, a deixaram desgastada. Após seu pedido de demissão na empresa, comentou sobre ter sofrido “um baque” e descreve esse momento dizendo: “Quinto dia útil, nada de dinheiro. Foi mais financeiramente, mas depois eu acostumei, assim, falei ‘nossa tô muito melhor agora’, porque assim domingo eu não dormia. Domingo dava tipo oito, nove da noite, dava aquela angústia assim, puts, amanhã é segunda-feira”. Essa situação afetou seu sono e desencadeou sintomas físicos, como insônia e dores nos dedos das mãos.

Refletindo sobre a questão financeira após deixar o emprego, a entrevistada comenta: “O dinheiro não faz falta graças a Deus, seria ótimo ter aquele salário, os dois salários (considerando o dela e do marido) é melhor do que um, mas assim, a vida não mudou. O dinheiro na verdade é uma ilusão, né, a gente tem uma quantidade de dinheiro, que você se sente confortável. Opa, eu tenho esse dinheiro, mas na verdade é uma ilusão, a gente vive uma vida simples. Não é uma vida de ostentação e na verdade não mudou nada”.

Em sua nova trajetória na área da culinária, a entrevistada ressalta que “Não é um trabalho, mas depois que eu comecei a escola, eu vi que eu era só uma dona de casa brasileira que tinha talento pra fazer uns doces, porque é muita técnica! Tem muita coisa para estudar, pra aprender, e é o que eu estou fazendo agora”. A entrevistada explicou que está investindo em estudo e experiência para transformar essa paixão em um negócio que proporcione prazer, superando antigas concepções familiares: “Quando eu fiz o vestibular, isso era impensável. Que pai e mãe iria falar ‘pô, você vai ficar na cozinha?’”.

Em relação ao compartilhamento de suas experiências profissionais com a filha, ela observa que divide informações relevantes, mas não todas as especificidades do seu percurso: “Não 100%, porque existem coisas muito específicas que não são interessantes, mas coisas relevantes, alguns problemas, isso eu compartilho com ela!”. Comenta que a filha pergunta, opina, mas que não é uma conversa profunda, e sim trivial. Sobre a questão de ter um negócio voltado para a culinária, a mãe da Participante Rosa conta que compartilha muito com a filha, pensam juntas em embalagens, pois a filha tem bom gosto, e experimenta muitas coisas, pois tem paladar apurado, então considera sua opinião muito importante “Então eu sempre pergunto a opinião dela, pra mim ela tem bom gosto, e ela tem um paladar extremamente refinado”.

Sobre a vida profissional da filha, lembra que, na infância, incentivava a escolha de uma carreira que garantisse conforto, chegando a dizer: “Então, quando ela era pequena, eu falava pra ela, ‘eu quero que você seja juíza, porque eu quero ter uma vida confortável quando eu for velha!’ Brincava com ela só que ela acabou indo pro lado da medicina. Eu tenho 2 irmãos que são médicos, o meu marido tem um irmão que é médico também!”.

Um episódio com a tia, envolvendo um acidente durante patinação no gelo, reforçou sua crença na vocação de cuidados da filha. Contou que a irmã caiu, “meteu a cabeça no chão, de machucar, e ela (filha) foi super calma, acalmando minha irmã. Ela teve que sair de cadeira de rodas, e ela (filha) manteve a calma o tempo todo, então eu acho que ela tem uma vocação pra isso”.

Por fim, a entrevistada refletiu sobre sua própria insatisfação com a engenharia e o reencontro com sua paixão na culinária. Ela comentou: “Como eu fiz uma coisa que eu não queria, e durante muitos anos eu senti essa dúvida e eu não me sentia parte do trabalho. E na cozinha eu falo ‘nossa eu achei o meu lugar, esse é o meu lugar’. E na engenharia, eu tava ali, mas sabe a síndrome do impostor? O que eu estou fazendo aqui? Fui muito bem sucedida na

profissão, mas eu sempre tive essa dúvida: o que eu estou fazendo aqui?”. Explica ainda que seu sucesso se deu por conta de sua responsabilidade, postura, boa comunicação, comportamento positivo, perseverar, e boa liderança e parceria. E em sua orientação à filha, enfatiza dizendo que “medicina não é escolha, é vocação! Você tem que escolher se realmente você quiser, mas assim eu também não incentivaria a fazer profissões que você sabe que você não vai ter retorno financeiro”.

ETH mãe da Participante Rosa

A mãe da participante Rosa revelou preferências e aversões que refletem sua visão sobre trabalho, habilidades e valores pessoais. Ela demonstrou sensibilidade e inclinação para atividades estruturadas e organizadas.

Frases selecionadas: cinco menos preferidas

1. Dissecar um animal para compreender seu funcionamento: Seu amor pelos animais torna essa atividade desagradável, ainda que, em situação de obrigatoriedade, pudesse realizá-la. “É que eu gosto muito dos animais, assim o meu amor maior na natureza são os animais e eu não gostaria de fazer isso”. “Se fosse a minha obrigação assim se eu não tivesse outra opção faria, mas não é uma coisa que me agrada”.
2. Fazer curativos em pessoas feridas: Relata sensibilidade extrema, incluindo tontura e mal-estar ao ver sangue, embora tenha melhorado com experiências pessoais. “Ai, eu sou mole assim sabe? Eu passo mal, eu tenho tontura assim, até com o cheiro”. “Já melhorei porque minha mãe ficou doente, eu ficava no hospital com ela. E aí teve um dia que ela tomou uma coisa e começou sabe (gestos de vômito), ficar mal, então assim eu já melhorei, mas assim é uma coisa que se ver o sangue me dá um...”

3. Ajudar pessoas a lidarem com problemas emocionais: Se considera sensível demais para lidar com histórias traumáticas, absorvendo emoções e tendo dificuldades em se desvincular. “Ah, eu acho tão complicado gente ‘pancadas’. Aí eu acho muito complicado as histórias, porque assim, a nossa vida, né, por mais que a gente tenha problema a gente tem uma vida tranquila, agora tem gente que tem umas coisas muito *punks*, sabe? De abuso, de agressão, de drogas, você trabalha com isso. Eu ia ficar com muita pena das pessoas, absorvendo a energia.”. “Se eu ouço uma história violenta, eu fico por dias pensando naquilo, não consigo eliminar da minha cabeça!”
4. Fornecer primeiros socorros a acidentados: Considera chocante a exposição a ferimentos graves. “É muito chocante ver aquela coisa, osso partido, cabeça pro lado corpo pro outro”.
5. Controlar a reprodução e o abatimento de animais: Embora consuma carne, não se imagina participando do processo de abate, pois o considera impactante. “Ah, então assim, eu como carne porque não sou eu que tenho que matar, se eu tivesse que fazer isso eu não faria. Eu acho que jamais mataria qualquer bicho para poder comer. Um peixe talvez, mas tipo um animal grande, um porco, uma vaca, coelho sabe pra mim é muito muito chocante”. “Então eu tinha muito essa coisa assim, sabe? De ‘eca, que nojo. Não vou pegar na carne, não gosto de sentir o cheiro da carne’, mas hoje, com a escola, mudou. Porque eu fui obrigada a enfiar a mão lá dentro da barriga do peixe e arrancar tudo pra fora”.

Frases selecionadas: cinco mais preferidas

1. Investir em uma rede de restaurantes: Sonha em ter uma padaria ou confeitaria, preferindo ambientes organizados e tranquilos, em contraste com a dinâmica intensa de um restaurante. “Eu tô fazendo um estádio agora num restaurante mesmo, de

verdade nossa, achei um saco, uma loucura. Muito trabalho, as coisas são muito detalhadas (...) A confeitaria é uma coisa mais tranquila, faz em paz (...) Eu gosto de trabalhar concentrada, tudo quadrado, certo, tudo bonitinho, e não aquela loucura de fazer, fazer, tipo apagando incêndio. Que era o meu trabalho anterior, né? A gente tava sempre resolvendo o problema”. Porque assim, as pessoas são muito escravas do negócio, essa *chef* que eu te falei (a *chef* do restaurante que faz estágio), ela tem 43 anos é a segunda vez que ela tá com câncer de mama e ela tem um filho de 2 anos (...) Só que ela fica no restaurante de 9 da manhã à 1 da manhã. É o dia inteiro assim, e hoje eu vejo, cara, ela tá doente, ela devia tá cuidando do filho dela, aproveitando a vida, se restabelecendo, e não gastando essa energia. É a minha opinião, né? Não tô julgando ela, mas assim, e se ela vai embora de uma hora pra outra?”

2. Participar das Forças Armadas: Interesse motivado pela disciplina e preparação física, mais do que pelo trabalho em si, influenciado por seu pai, que foi major da polícia. “Quando eu falo de participar das forças armadas, é mais pela questão física do que pelo trabalho em si. Eu acho que deve ser legal você ter essa preparação física tão exaustiva, sabe?”
3. Pilotar um avião comercial: Acha a profissão empolgante e glamourosa, mesmo reconhecendo sua rotina exaustiva. “Ah, eu acho que deve ser super legal ser piloto! Tipo, ter uma família em cada país e ninguém vai saber de ninguém (risos). (...) Não é uma vida tranquila, mas é uma super profissão”.
4. Fazer acrobacias em um circo: Interesse ligado à aptidão física e à ideia de desafio corporal. “Então, eu também acho legal, indo pela habilidade física também”.
5. Operar um guindaste para mover objetos pesados: Vê essa profissão como bem remunerada e com menos cobrança pós-expediente, valorizando a objetividade do trabalho. “Então, isso é que tem a ver com a minha profissão, porque as obras que eu

trabalhei era muita escavadeira! E eu acho que a pessoa chega, coloca tudo no chão! E o que eu acho legal é que ele foi, fez o trabalho, entrou na máquina, quebrou, saiu e foi para casa! Ninguém vai ligar para ele (após o expediente). Sabe, não ficou nenhuma pendência, ninguém vai te encher o saco”. “E uma coisa legal assim, o operador, na construção civil ele é um dos caras que ganha mais. Assim, do pessoal que não estudou, os operadores que ganham mais”.

Síntese Díade 2 - Participante Rosa e mãe

A análise das entrevistas realizadas com a Participante Rosa e sua mãe permitiu identificar que ambas possuem percepções parecidas a respeito do que o trabalho pode oferecer a cada uma. Apesar de apresentarem interesses profissionais distintos, a adolescente pode perceber como as experiências da mãe influenciam em suas percepções relacionadas aos retornos, sejam eles financeiros ou de bem estar. Nas primeiras entrevistas com cada participante da díade, foi possível notar demonstraram coesão e aparentemente boa comunicação entre elas, seja pelas histórias que contaram, como por exemplo do bom gosto da filha para ajudar a mãe na confeitaria, ou até pela percepção acerca do retorno do trabalho.

Nas primeiras entrevistas, ficou evidente que, embora a mãe e a filha não compartilhem interesses profissionais idênticos, ambas demonstram uma relação marcada por boa comunicação e complementaridade em suas narrativas. A mãe, com uma trajetória marcada por transições – da engenharia à vivência de sua paixão pela culinária –, enfatiza a importância de trabalhar para suprir necessidades e alcançar realizações financeiras e pessoais. Ela destaca que seu percurso envolveu desafios e mudanças significativas, como mudança de cidade e até mesmo país, o que impactou a vida familiar.

Dessa forma, os relatos demonstram que, apesar dos percursos distintos, a mãe tendo vivido mudanças significativas e a filha estando em fase de definição e exploração

profissional, existe uma comunicação eficaz e um intercâmbio de experiências que contribuem para a formação de identidade profissional de ambas. A mãe, ao compartilhar suas vivências sem impor escolhas, aceitando, por exemplo, que a filha não fosse para o direito, oferece uma base de apoio que parece incentivá-la a buscar uma carreira que, embora diferente da sua, também se fundamenta em valores pessoais e na busca pelo retorno emocional e financeiro.

DISCUSSÃO

O objetivo geral desta pesquisa foi avaliar a congruência entre pais e filhos sobre trabalho e carreira, considerando as relações de exigência e responsividade parental, bem como os interesses profissionais. Este objetivo foi alcançado, uma vez que foram utilizadas as escalas propostas, complementadas pela realização de entrevistas com todas as participantes.

A influência da família na escolha profissional é perceptível tanto nas falas dos pais quanto nas dos jovens nos processos de Orientação Profissional e de Carreira (OPC). Essa influência pode se manifestar de diversas formas, desde opiniões claramente expressas, pressões diretas para que os filhos sigam determinada carreira, atitudes mais sutis ou mesmo manipuladoras. Sob a perspectiva psicossocial do desenvolvimento, que compreende a construção da identidade como algo indissociável do contexto social em que o sujeito está inserido, o papel da família torna-se central neste processo. No entanto, é comum que os aspectos familiares não sejam suficientemente considerados nos contextos de OPC (Almeida & Pinho, 2018).

Um dos objetivos específicos consistiu em analisar a relação entre os resultados obtidos na Escala de Congruência entre Pais e Filhos para Escolha Profissional (ECPF-EP) e as respostas das entrevistas referentes ao conhecimento dos filhos acerca da vida profissional dos pais. Hipotetizou-se que filhos com maior pontuação na ECPF-EP demonstrariam maior conhecimento sobre a trajetória profissional dos pais durante as entrevistas, o que se confirmou.

Investigar a congruência entre pais e filhos no que diz respeito à escolha profissional não se limita à definição de uma carreira futura, mas envolve também os efeitos subjetivos desse alinhamento. Quando os filhos percebem sintonia com seus pais em relação a temas ligados à escolha profissional, tendem a se sentir mais motivados a se engajar em processos de exploração e planejamento de carreira. Essa congruência pode ser entendida como a

afinidade entre pais e adolescentes quanto a valores, crenças, interesses e metas profissionais, bem como ao apoio dado às etapas envolvidas na tomada de decisão (Pereira et al., 2018).

Ambas as adolescentes sabiam identificar os cargos ocupados por suas mães, mesmo que não conhecessem em detalhes as funções desempenhadas. Em contrapartida, demonstraram reconhecer aspectos emocionais relacionados à experiência de trabalho de suas mães.

As adolescentes apresentaram pontuação acima da média em Congruência Complementar e muito acima da média em Congruência Suplementar. Esses resultados indicam que as participantes percebem suas mães como figuras provedoras de suporte, colaborativas na elaboração de metas e planejamento de carreira, além de se sentirem altamente conectadas a elas em termos de ideias, valores e projetos de vida (Ambiel et al., 2019), ainda que nem sempre essas conexões estejam diretamente associadas às preferências profissionais, mas sim ao significado atribuído ao ato de trabalhar.

Esses dados dialogam com os relatos das entrevistas. A Participante B afirmou que, embora não soubesse detalhar as atividades diárias da mãe, tinha clareza sobre seu cargo, sua relação emocional com o trabalho e as dificuldades enfrentadas: “trabalhando em evento de construtores e também passando informações do papel para o digital”; “é de escritório, no escritório, e eu nunca vi que ela construiu algo”; “tá tentando outros empregos, parece que o chefe não acredita muito nela”.

A Participante Rosa, por sua vez, expressou que, embora não compreendesse totalmente a rotina de trabalho da mãe, percebia seu descontentamento e valorizava as relações interpessoais construídas no ambiente profissional: “Ela tá mais feliz porque ela reclamava bastante!”; “Minha mãe, ela é engenheira, e ela sempre me falou que não gosta. Eu sei que ela fez muitos amigos no meio. Ela sempre fala que ela é grata por tudo que ela conseguiu pela engenharia, mas não é o que realmente gosta, não tem orgulho e admiração”.

Considerando que a congruência parental está associada ao encorajamento dos filhos na participação de atividades que favoreçam a exploração profissional (Pereira et al., 2018; Ambiel et al., 2019), ambas as participantes demonstraram consciência sobre o significado do trabalho na vida e, apesar das incertezas em relação às escolhas futuras, apresentaram satisfação em relação às opções consideradas.

A pontuação elevada em Congruência Complementar acima da média sugere que as adolescentes se sentem estimuladas a se envolver em vivências relacionadas ao planejamento de carreira. Esse aspecto é evidenciado, por exemplo, quando a Participante B relata com entusiasmo sua experiência em um consultório de fonoaudiologia: “Acompanhei o atendimento com ela (fono), e foi muito engraçado porque eu, implantada, acompanhei o atendimento de implantados”. Assim como a Participante Rosa, que relatou ter buscado informações sobre a área médica, embora tenha se frustrado com respostas superficiais, o que a levou a refletir criticamente sobre o processo de escolha profissional: “Eu já saí perguntando, uma vez eu perguntei: ah, você é médico por que? Ele: ah, porque meu pai e minha irmã são. Eu tava esperando tipo uma história!”.

Considerando que a ECPF-EP avalia a percepção dos adolescentes, os resultados reforçam a importância não apenas das práticas parentais efetivamente realizadas, mas, sobretudo, da maneira como essas práticas são aprendidas pelos filhos. Tal percepção favorece o fortalecimento dos vínculos familiares e contribui para a construção de referências mais sólidas no processo de exploração e planejamento de carreira.

Outro objetivo deste estudo foi comparar os relatos das mães sobre o compartilhamento de informações relacionadas às suas carreiras com o nível de indecisão profissional dos filhos, conforme indicado pela Escala Andante de Indecisão de Carreira (EAIC) e pela ECPF-EP. Hipotetizou-se que filhos cujos pais compartilham mais informações sobre suas trajetórias profissionais tenderiam a ser menos indecisos, mais encorajados a explorar e a pesquisar

sobre o mundo do trabalho, tendo em vista a afirmativa da literatura, de que as expectativas demonstradas pelos pais em relação à escolha profissional, quando percebidas pelos filhos, exercem uma influência mais significativa sobre o planejamento de carreira dos adolescentes do que os próprios desejos ou aspirações manifestados por eles (Pereira et al., 2017).

As mães não relataram detalhadamente às filhas a respeito do seu dia a dia no trabalho. A mãe da Participante B comentou sobre o compartilhamento de informações: “Sim, elas (as filhas) sabem de tudo isso e ainda mais agora nessa fase de colegial, né?” e “Eu nunca tentei falar: olha, vocês precisam saber se vender. Não é esse tipo de conversa que eu tenho”. Já a mãe da Participante Rosa ressalta que comenta, mas apenas coisas triviais: “Não 100%, porque existem coisas muito específicas que não são interessantes, mas coisas relevantes, alguns problemas, isso eu compartilho com ela!”.

A partir desse contexto e dos resultados das escalas, pode-se avaliar que a hipótese foi refutada. Os resultados da EAIC não permitiram verificar um efeito direto, porém indicaram que ambas as adolescentes apresentaram níveis de Indecisão de Carreira situados no percentil médio, embora com particularidades entre os diferentes construtos avaliados.

A Participante B apresentou escores elevados em Afetividade Negativa e Ansiedade para Escolha, podendo indicar a presença de sentimentos de preocupação, apreensão, desesperança, tristeza e sensação de incapacidade para lidar com tarefas relacionadas à escolha profissional, bem como medo de situações futuras e insegurança. Essa configuração sugere que a busca por informações ocupacionais e autoconhecimento pode ocorrer de maneira pouco organizada (Salvador et al., 2023), o que foi evidenciado em seu relato sobre o vestibular: “nervoso, ansiedade, todo mundo fica falando isso e aí fica meio chato”.

No que diz respeito aos construtos de Dificuldade Decisional, Conflitos Interpessoais e Dependência Decisional, a Participante B obteve resultados dentro do percentil médio. Esses dados indicam que ela pode apresentar alguma dificuldade no planejamento futuro, e que a

confiança em suas habilidades para tomada de decisão pode ser impactada diante de barreiras (Salvador et al., 2023). Esse aspecto pode ser ilustrado em sua fala sobre a escolha pela Medicina: “eu até pensaria em Medicina, mas tenho um pouquinho de medo (...) essa coisa de que tem que tirar uma notona pra conseguir”. A dependência moderada em relação à aprovação e suporte de outras pessoas também foi observada, como exemplificado em seu relato sobre a influência materna: “minha mãe tá falando uma resposta por mim (...) que eu acho que é bem mesmo que ela fala, que ela responde por mim (...) que é na área de saúde”.

Por sua vez, a Participante Rosa apresentou escores no percentil médio em todos os construtos, exceto para Conflitos Interpessoais, onde apresentou escore baixo. Esse resultado indica que a adolescente tende a sentir-se segura e encorajada em relação às suas decisões de carreira, mesmo sem o apoio explícito de pessoas significativas (Salvador et al., 2023). Essa característica foi corroborada em seu relato ao comentar o desejo da mãe de que ela fosse juíza, optando, no entanto, por seguir sua vontade de cursar Medicina.

Nas demais dimensões avaliadas, o percentil médio da Participante Rosa sugere que ela pode apresentar flutuações na estabilidade emocional, com momentos de preocupação, apreensão e insegurança em relação às decisões futuras. Essa oscilação foi evidenciada ao final das entrevistas, quando comentou: “Então eu acho que é isso mesmo! Fiquei feliz que agora eu já tenho uma certeza a mais”. Além disso, embora demonstre certa ansiedade em relação ao futuro, a busca por informações ocupacionais ocorre de forma relativamente equilibrada, como indicado na reflexão sobre a trajetória da mãe e da tia: “É porque assim, eu tenho um exemplo da minha tia e da minha mãe, que fizeram coisas que não gostaram. Aí eu não sei se é tipo questão de me frustrar ou o medo de eu ter perdido tempo pra depois voltar pra trás, ou eu também não ter coragem, igual a elas, de tipo, recuar por estar fazendo algo que eu não goste. Porque a medicina você tem que se dedicar para você entrar, durante o curso, e depois tem a residência. É um estilo de vida!”.

A dificuldade no planejamento do futuro e na definição de metas e objetivos de carreira foi evidenciada em seu relato sobre a organização dos estudos para o vestibular: “tipo assim no meu caso, eu sei que eu tenho que estudar, mas eu não tenho ainda tipo um cronograma (...) já comprei as apostilas, mas sentar e estudar, ainda não!”. Ainda, pode apresentar dificuldade moderada em lidar com críticas e desaprovações sobre seu planejamento de carreira, bem como insegurança frente ao futuro, especialmente em relação ao retorno financeiro esperado. Tal preocupação foi ilustrada na fala da mãe: “Então, quando ela era pequena, eu falava pra ela, ‘eu quero que você seja juíza, porque eu quero ter uma vida confortável quando eu for velha!’”.

De modo geral, as adolescentes demonstraram capacidade de correlacionar a percepção de apoio materno às suas escolhas profissionais, não apenas em termos de atividades específicas, mas também no que diz respeito aos valores atribuídos ao trabalho. Na primeira díade, destaca-se a reflexão sobre a importância de gostar da área escolhida, seguindo a fala da mãe: “Eu acho que ela tem que trabalhar na área da saúde! Não importa com o que, porque né, não é só a medicina (...) mas por tudo que ela viveu. (...) Fonoaudiologicamente falando, eu acho o máximo se ela fizer alguma coisa nisso porque nós somos muito apaixonadas pelos profissionais que trabalharam com ela”. Na segunda díade, além da valorização pessoal da escolha, surge também a preocupação com o retorno financeiro: “Medicina não é escolha, é vocação! Você tem que escolher se realmente você quiser, mas assim eu também não incentivaria a fazer profissões que você sabe que você não vai ter retorno financeiro”.

Dessa forma, os resultados sugerem que, embora ambas as adolescentes apresentem níveis médios de Indecisão de Carreira, nuances específicas nos construtos avaliados indicam diferentes formas de lidar com o processo de escolha de carreira. A percepção das informações compartilhadas pelas mães, o grau de apoio e autonomia percebidos e até mesmo

a concorrência nos vestibulares parecem influenciar tanto a confiança na escolha quanto a organização das estratégias de exploração de carreira.

Outro objetivo deste estudo foi examinar a relação entre os resultados obtidos na Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP) e a semelhança de perfis de interesses profissionais entre pais e filhos. Partiu-se da hipótese de que filhos que percebiam seus pais como mais responsivos tenderiam a apresentar interesses profissionais mais semelhantes aos de seus cuidadores, ao passo que percepções mais elevadas de exigência estariam associadas a perfis de interesses mais distintos.

A responsividade refere-se à sincronia na relação entre pais e filhos, caracterizando-se pela sensibilidade dos cuidadores às necessidades dos jovens, por meio de comportamentos que envolvem apoio emocional, compreensão e estímulo à autonomia e à autoafirmação. Já a exigência está relacionada ao controle do comportamento dos filhos, com foco no estabelecimento de metas, regras e padrões de conduta, incluindo práticas parentais como supervisão, monitoramento e disciplina (Teixeira et al., 2004).

No presente estudo, tanto a Participante B quanto a Participante Rosa perceberam altos níveis de responsividade por parte de suas mães e baixos níveis de exigência. Essa percepção sugere que ambas as figuras maternas são vistas como cuidadoras acolhedoras, disponíveis emocionalmente e abertas à escuta das demandas das filhas. No entanto, essa configuração de responsividade elevada, por si só, não garantiu a correspondência total entre os interesses profissionais das díades, portanto a hipótese foi refutada. Apesar disso, foi possível observar pontos de convergência.

Na primeira díade, a área artística aparece como um elo: a mãe demonstra apreço por atividades como o balé, enquanto a filha pratica tecido circense, revelando forte envolvimento com expressões corporais artísticas. A fala da mãe reforça o incentivo a essa atividade: “O meu combinado era assim: vocês têm que fazer algum exercício e tem que fazer com o ciclo

de um ano (...). A Participante B agora, mais velha, se fixou no tecido. Já faz uns 4, 5 anos que ela tá no tecido”. Ambas apresentam o perfil artístico entre os três perfis de maior destaque na escala de interesses.

Na segunda díade, a aproximação ocorre pela via do interesse empreendedor. A mãe da Participante Rosa relata a participação ativa da filha na produção de doces artesanais, evidenciando valorização de seu julgamento estético e sensorial: “Então eu sempre pergunto a opinião dela, pra mim ela tem bom gosto, e ela tem um paladar extremamente refinado”. Assim como na díade anterior, existe uma convergência e mãe e filha compartilham o tipo empreendedor dentre os três interesses mais expressivos.

Esses achados sugerem que a presença de uma relação parental marcada por responsividade pode favorecer o diálogo e o compartilhamento de interesses entre mães e filhas, ainda que não necessariamente resulte em total sobreposição de perfis profissionais. A escuta ativa, o incentivo à autonomia e o reconhecimento das preferências individuais parecem criar um ambiente propício para que os adolescentes se sintam validados e encorajados em seus processos de escolha. Assim, mesmo quando os interesses não são idênticos, é possível identificar aproximações simbólicas e práticas que refletem o impacto positivo de relações familiares acolhedoras e sintonizadas com as singularidades dos jovens.

Por último objetivou-se investigar o processo de construção de interesses por meio da narrativa obtida pela técnica Escores Transformados em Histórias (ETH). Esperou-se que haveria maior semelhança nas histórias contadas por pais e filhos à medida que os filhos percebam seus pais como mais responsivos e cuja semelhança entre ambos sobre escolha profissional seja maior.

As adolescentes participantes deste estudo perceberam suas mães como altamente responsivas, o que contrasta com os achados de Teixeira et al. (2004), que indicavam que, de modo geral, os filhos tendem a perceber seus pais como menos responsivos e menos exigentes

do que os próprios pais se descrevem. No entanto, os autores também destacaram que as mães, em particular, costumam ser vistas como figuras de maior responsividade, acolhimento e compreensão, uma característica que se confirma nas percepções apresentadas neste trabalho. Em oposição, os pais tendem a ser percebidos como mais críticos e menos acessíveis emocionalmente, o que reforça a centralidade da figura materna na mediação das relações afetivas e comunicativas no contexto familiar.

Ao considerarmos que todo o processo da técnica ETH envolve a representação mental do conteúdo do item, a recuperação de memórias, a comparação entre a representação e essas memórias, e o mapeamento da escala de avaliação para a resposta (Ambiel, 2021), observa-se que as histórias e narrativas das duas díades analisadas foram similares. No entanto, tal similaridade não resultou em aproximação ou construção de interesses profissionais semelhantes entre mães e filhas, mas sim em um ponto significativamente relevante relacionado ao sentido do trabalhar, sua finalidade e motivação.

A aplicação da ETH permitiu que, no contexto desta pesquisa, as adolescentes atribuíssem sentidos aos itens identificados como mais ou menos preferidos, o que favoreceu um processo reflexivo individualizado. Essa reflexão contribuiu para a construção de significados específicos a partir dos resultados.

Essas observações sugerem que os filhos aprendem com os pais sobre o que significa trabalhar, ainda que não necessariamente sobre com o que trabalhar. A responsividade materna, evidenciada nas entrevistas, parece favorecer esse processo de troca e construção, o que pôde ser notado nos momentos em que as adolescentes lembraram aspectos profissionais das mães durante a aplicação da técnica, resgatando informações e experiências anteriores a partir de uma escuta reflexiva.

Nesse sentido, a Participante B, durante a aplicação da técnica ETH, comentou: “Minha mãe sempre julga que eu tenho um jeito meu, próprio de organizar as coisas. Porque tem uma

organização meio óbvia também, mas é uma organização que minha mãe não acha organizada”. Por sua vez, sua mãe afirmou: “Eu sou a pessoa da arrumação, mas não sou a neurótica da limpeza”. Esses trechos evidenciam divergências de percepção entre mãe e filha, que também se expressam em suas preferências profissionais distintas, revelando singularidades na forma de lidar com tarefas e rotinas.

Já a Participante Rosa relatou entusiasmo ao falar sobre sua escolha por medicina: “Mas eu acho que eu ia gostar mesmo de tipo fazer sutura. Eu acho que realmente eu ia gostar!” e “Ah, eu não sou uma pessoa que tipo vejo sangue e passa mal, ou me assusta. Na cirurgia deve ser legal também, tipo deve ser tenso, mas legal”. Em contrapartida, sua mãe demonstrou sensibilidade elevada em relação a procedimentos médicos: “Ai, eu sou mole assim sabe? Eu passo mal, eu tenho tontura assim, até com o cheiro”, ainda que tenha relatado alguma melhora diante de experiências vividas.

Em ambas as díades, ao longo das entrevistas, ficou evidente a preocupação das adolescentes com a satisfação no trabalho e, no caso da díade 2, a valorização da independência financeira como aspecto importante na construção de seus projetos de vida. Esses achados ilustram como aspectos subjetivos relacionados às experiências familiares e às percepções individuais contribuem para a construção de sentidos sobre o trabalho. Ainda que não haja uma correspondência direta entre os interesses profissionais das filhas e os das mães, observa-se que o ambiente familiar, especialmente marcado pela responsividade materna, oferece condições favoráveis para que as adolescentes desenvolvam autonomia reflexiva na elaboração de seus projetos profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao retomar o percurso desta pesquisa, um dos primeiros aspectos que me chamou atenção nas entrevistas foi a surpresa das mães diante da pergunta sobre o significado do trabalhar, uma questão para a qual não tinham respostas prontas. Isso me levou a refletir sobre o que, de fato, as pessoas pensam a respeito sobre o trabalho em suas vidas. Há uma diferença importante entre trabalho e trabalhar. O trabalho costuma ser entendido como emprego, ocupação ou meio de sustento. Já o trabalhar remete à experiência subjetiva, cotidiana e intencional de estar no mundo por meio de ações que carregam desejos, objetivos, valores e afetos. Trata-se menos de uma definição teórica e mais de uma prática situada, que revela sentidos e histórias de vida.

A partir dessa constatação, passei a incluir essa pergunta em meus atendimentos clínicos, por compreender que ela oferece pistas preciosas sobre a visão de mundo e os modos de atuação profissional dos sujeitos. Os resultados desta pesquisa indicam que esse tipo de questionamento pode ser um potente disparador de reflexões, tanto para os adolescentes quanto para suas famílias. Por isso, sugere-se que profissionais de Orientação Profissional e de Carreira considerem incorporar essa abordagem em seus atendimentos, promovendo espaços em que o trabalhar seja compreendido não apenas como escolha de uma ocupação, mas como construção de um modo singular de estar e agir no mundo.

Ao conduzir as entrevistas com as duas díades, optei por uma abordagem alternada: na Díade 1, iniciei a escuta pela filha; na Díade 2, pela mãe. Essa diferença, embora pareça sutil, revelou-se um ponto relevante de reflexão metodológica em relação à minha compreensão e análise, enquanto pesquisadora. Ambos os caminhos apresentam vantagens e limitações. Independentemente da ordem, o sigilo das informações foi rigorosamente mantido, mas

percebi que o modo como cada participante compartilha sua narrativa pode ser influenciado pela ordem em que é entrevistado.

Ao iniciar a entrevista pela adolescente, notei que, embora as informações sobre o passado sejam, por vezes, fossem mais vagas ou imprecisas, essa escolha favoreceu uma escuta menos contaminada por expectativas externas. A adolescente tende a relatar suas percepções e desejos de forma mais espontânea, o que pode enriquecer o processo de orientação profissional com dados mais autênticos sobre suas motivações e interesses. Por outro lado, iniciar pela mãe proporcionou maior segurança quanto a aspectos do desenvolvimento da filha, uma compreensão mais consistente sobre seu desenvolvimento, além de facilitar a identificação de valores e histórico familiar, formas de apoio e expectativas em relação ao futuro profissional da adolescente, aspectos que, posteriormente, podem ser explorados com mais profundidade nas entrevistas com a filha.

Além disso, ao conversar com a responsável primeiro, foi possível identificar, desde o início do processo, as crenças e expectativas que permeiam a escolha profissional da filha, o que auxilia o orientador a perceber possíveis pontos de tensão, como distanciamentos entre os interesses da díade. Ainda assim, iniciar o processo com a fala da adolescente permite uma escuta livre de julgamentos prévios e avaliações, o que favorece a construção de um espaço seguro para que expressasse seus interesses e dúvidas. As informações trazidas pelo responsável, nesses casos, podem ser retomadas em momentos posteriores, contribuindo para um processo mais dialógico e contextualizado.

A aplicação da técnica dos Escores Transformados em Histórias (ETH) trouxe novas camadas de compreensão. Percebi que as mães apresentaram maior repertório reflexivo ao comentar os itens mais e menos preferidos, em comparação com as adolescentes. Essa

diferença parece estar relacionada não apenas à trajetória de vida, mas também à própria função narrativa da memória autobiográfica, mais elaborada na vida adulta.

Realizar o ETH com as mães mostrou-se especialmente útil para ampliar a compreensão sobre o perfil das filhas. Os relatos das responsáveis não apenas complementaram as histórias das adolescentes, como também trouxeram sentidos que, em alguns momentos, se aproximavam e, em outros, contrastavam significativamente. Esse contraste, longe de ser um entrave, revelou-se uma contribuição valiosa para o aprofundamento da reflexão sobre a construção das preferências profissionais.

Além disso, as mães tenderam a evocar episódios com mais riqueza de detalhes, o que contribuiu para uma análise mais contextualizada das experiências da díade. Por essa razão, considero pertinente a recomendação, em determinados contextos, incluir o ETH com os pais ou responsáveis como parte integrante do processo de OPC, a fim de favorecer uma escuta mais ampla e contextualizada da história de interesses profissionais dos jovens. Utilizar, em interpretações de escores, narrativas pessoais enriquece a possibilidade de comparar o que foi ensinado pelos pais e aprendido pelos filhos.

A análise das díades reforçou a ideia de que a família exerce influência importante, mas não atua como fator determinante nas escolhas profissionais. Ao longo do processo, foi possível perceber que as experiências externas vividas pelas adolescentes também desempenharam um papel significativo na construção de suas preferências. Isso evidencia a importância do acesso à informação como um recurso que pode ampliar ainda mais esse repertório de escolha e decisão de carreira. Quando os adolescentes se permitem investigar novas possibilidades e acessar diferentes referências, a diversidade de informações pode tornar-se um fator facilitador na expansão do leque de escolhas.

Os valores familiares emergiram como aspectos centrais na construção dos projetos de vida, especialmente em relação à busca por satisfação pessoal e segurança financeira. A escuta das mães evidenciou como esses valores orientam expectativas e influenciam, de forma mais ou menos explícita, o caminho profissional dos filhos. Compreender essa dimensão é essencial para acolher tanto as singularidades quanto os conflitos que podem surgir no processo de escolha.

Uma importante conclusão deste estudo é que a participação ativa de pelo menos um dos responsáveis no processo de orientação profissional pode gerar efeitos significativos, tanto no aprofundamento do autoconhecimento do(a) adolescente quanto no refinamento técnico da atuação do(a) profissional orientador(a). No contexto específico desta pesquisa, ao se analisar os estilos parentais e os tipos de congruência percebidos pelas adolescentes em relação às suas mães, observou-se que tais percepções não estão, necessariamente, vinculadas à semelhança entre os interesses profissionais, mas sim à maneira como as histórias de vida são narradas e compartilhadas entre mãe e filha.

Dessa forma, mais do que a identificação com uma ocupação ou área de interesse, parece ser a transmissão de modelos de tomada de decisão e competências percebidas que exerce maior impacto na construção da identidade profissional. Portanto, ainda que os instrumentos utilizados para avaliar estilos parentais e congruência entre pais e filhos careçam de mais investigações empíricas, os referenciais teóricos que os fundamentam já se mostraram potentes recursos para a análise e a intervenção em processos de orientação profissional e de carreira.

Essa pesquisa me levou a reavaliar e enriquecer minha prática clínica. Incluir os pais ou responsáveis no processo não apenas amplia a escuta, mas revela informações que dificilmente seriam captadas em uma única sessão de anamnese. Quando envolvidos, os

responsáveis tendem a se mostrar mais receptivos às transformações geracionais, aos novos interesses dos filhos e, ao mesmo tempo, são convidados a revisitar suas próprias trajetórias. Esse movimento pode suscitar reflexões profundas: será que suas escolhas foram guiadas por desejo genuíno, por expectativas externas ou pela falta de conhecimento sobre possibilidades? Havia modelos inspiradores ou apenas imposições do contexto? Tais achados indicam a relevância de que outros profissionais de orientação profissional e de carreira também considerem, sempre que possível, a inclusão das famílias no processo, criando espaços que acolham não apenas as demandas dos adolescentes, mas também os atravessamentos subjetivos de seus responsáveis.

Convidar os responsáveis a revisitar e refletir sobre suas decisões profissionais, ou mesmo sobre onde estão hoje em suas carreiras, pode provocar certo desconforto. No entanto, trata-se de um desconforto fértil, que pode despertar memórias e resgatar sonhos antigos e revisitar desejos esquecidos, como o de ser artista de circo, bailarina ou soldado, antes de seguir caminhos apenas porque pareciam mais seguros ou socialmente esperados.

Em última instância, criar espaço para essas narrativas, promover espaços de escuta compartilhada entre pais e filhos é também promover caminhos mais conscientes, autênticos e informados para a construção de projetos de vida, algo que ultrapassa a escolha de uma profissão e toca a constituição de sujeitos no mundo. A Orientação Profissional e de Carreira se fortalece como campo que não apenas facilita decisões, mas também promove consciência crítica e diálogo intergeracional sobre o que significa, afinal, trabalhar, em todas as suas dimensões.

Apesar das contribuições alcançadas por esta pesquisa, é importante reconhecer algumas limitações que abrem espaço para reflexões e aprofundamentos futuros. A etapa qualitativa contou com a participação de duas díades compostas por mãe e filha, pertencentes

a contextos socioeconômicos semelhantes e estudantes de escola particular. Embora o objetivo inicial fosse contemplar maior diversidade de participantes, incluindo pais, adolescentes do sexo masculino, de diferentes estratos sociais e tipos de escola, as características da amostra reduzida e os desafios inerentes à coleta de dados qualitativos não permitiram atingir tal heterogeneidade. Ampliar essa variedade em investigações futuras poderia trazer perspectivas distintas sobre os processos de influência parental na construção das escolhas profissionais.

Além disso, não foram analisados os dados dos participantes que desistiram da pesquisa ao longo do processo. Investigar os motivos dessa desistência e os dados parciais dessas diádes poderia oferecer informações relevantes sobre as barreiras enfrentadas no engajamento, bem como sinalizar relações específicas com responsividade e a exigência percebidas, os níveis de indecisão profissional ou os perfis de interesse dos adolescentes.

Ainda, embora a proposta metodológica tenha priorizado uma abordagem centrada nas narrativas, seria potencialmente enriquecedor cruzar as informações obtidas nas entrevistas com os resultados quantitativos das escalas aplicadas. Essa articulação permitiria explorar de forma mais ampla a complexidade das relações familiares e suas implicações para o desenvolvimento profissional e de carreira dos adolescentes.

Além dos achados específicos desta pesquisa, algumas reflexões emergem a partir da experiência vivida durante o percurso investigativo. Uma delas diz respeito à escassez de estudos voltados à avaliação de programas ou intervenções em Orientação Profissional e de Carreira que contemplem ativamente os pais ou responsáveis de adolescentes em processo de escolha. A literatura tende a se concentrar nas experiências dos próprios orientandos ou em abordagens teóricas mais amplas, deixando em segundo plano a sistematização de práticas que envolvam, de forma estruturada, as figuras parentais. No entanto, como evidenciado ao

longo deste trabalho, a escuta dos responsáveis pode oferecer subsídios valiosos para compreender o contexto familiar, os valores que circulam nas relações e os modelos de escolha transmitidos intergeracionalmente.

Outra questão que se impôs ao longo da pesquisa foi o incômodo com o distanciamento entre teoria e prática que, por vezes, ainda marca o campo da OPC. Embora exista um corpo teórico robusto e consistente, nem sempre ele dialoga com as necessidades vividas na clínica, especialmente quando se trata de compreender os processos de escolha em sua complexidade relacional e emocional. A aposta em estudos clínicos, com escuta qualificada e atenção às singularidades, pode contribuir para a construção de pontes entre esses dois campos. Ao integrar teoria e prática, promove-se uma OPC mais sensível às experiências concretas dos sujeitos e mais capaz de responder às demandas contemporâneas da juventude e de suas famílias.

REFERÊNCIAS

- Almeida, F. H., & Melo-Silva, L. L. (2011). Influência dos pais no processo de escolha profissional dos filhos: Uma revisão da literatura. *Psico-USF*, 16(1), DOI: <https://doi.org/10.1590/S1413-82712011000100009>
- Almeida, M. E. G. G., & Pinho, L. V. (2008). Adolescência, família e escolhas: Implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20(2), 173-184.
- Ambiel, R. M. A. (2014). Adaptabilidade de carreira: Uma abordagem histórica de conceitos, modelos e teorias. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, 15(1), 15-24.
- Ambiel, R. M. A. (2021). Taking a Test is Telling Stories: A narrative approach to interest inventories. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*, 21, 33-46. <https://doi.org/10.1007/s10775-020-09426-3>
- Ambiel, R. A. M., Ferraz, A. S. S., Pereira, E. V., Simões, N. S., & Silva, J. L. (2019). Predição da definição da escolha vocacional a partir de variáveis familiares. *Avances en Psicología Latinoamericana*, 37(1), 89–101. <https://doi.org/10.12804/revistas.urosario.edu.co/apl/a.6193>
- Andrade, T. D. (1997). A família e a estruturação ocupacional do indivíduo. In R. S. Levenfus (Org.), *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 123–134). Porto Alegre, RS: Artes Médicas.
- Brandão, L., Rossi, A., & Linares, I. (2022). O atendimento analítico-comportamental com adolescentes. In A. S. U. Rossi, I. M. P. Linares, & L. C. Brandão (Orgs.), *Terapia analítico-comportamental com adolescentes* (pp. 31-44). São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento.

Brasil. (1990). *Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990*. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente. Diário Oficial da União.

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm

Bullock, E. E., Andrews, L., Braud, J., & Reardon, R. C. (2009). Holland's theory in a postmodern world: RIASEC structure and assessments in an international context. *Career Planning & Adult Development Journal*, 25, 29–58.

Costa, F. T., & Teixeira, M. A. P., & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: Duas Escalas para Avaliar Estilos Parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13(3), pp.465–473. <https://doi.org/10.1590/S0102-79722000000300014>

Dias, M. L. (1995). Família e escolha profissional. In A. M. B. Bock et al. (Orgs.), *A escolha profissional em questão* (pp. 71–92). São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.

Duarte, V. D., Melo-Silva, L. L., Santos, M. A., & Bonfim, T. A. (2005). A influência familiar na escolha profissional dos filhos, na perspectiva de mães de clientes em processo de orientação profissional. In C. P. Simon, L. L. Melo-Silva, & M. A. Santos (Orgs.), *Formação em psicologia: Desafios da diversidade na pesquisa e na prática* (pp. 285–306). São Paulo, SP: Vetor.

Faria, R. R., Dobrianskyj Weber, L. N., & Ton, C. T. (2017). O estresse entre vestibulandos e suas relações com a família e a escolha profissional. *Psicologia Argumento*, 30(68), 312–326. <https://doi.org/10.7213/psicol.argum.5883>

Grossman, E. (2010). A construção do conceito de adolescência no Ocidente. *Adolescência e Saúde*, 7(3), 47-51.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2016). *Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar – PeNSE 2015*. IBGE. <https://www.ibge.gov.br>

Lacava, L. (2022). Terapia analítico-comportamental com adolescentes: questões 28 escolares. In A. S. U. Rossi, I. M. P. Linares, & L. C. Brandão (Orgs.), *Terapia analítico-comportamental com adolescentes* (pp. 31-44). São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento.

Lima, D. P. & Ambiel, R. A. M. (2023). Escores Transformados em Histórias: um procedimento semiestruturado para devolutiva de avaliação de interesses. In R. A. M. Ambiel, T. C. Moreira & L. O. Barros (Orgs.), *Avaliação em Orientação Profissional e de Carreira: fundamentos, planejamento e aplicações* (pp. 165-174). São Paulo: Hogrefe.

Marcionetti, J., & Zammitti, A. (2023). Perceived support and influences in adolescents' career choices: A mixed-methods study. *International Journal for Educational and Vocational Guidance*. <https://doi.org/10.1007/s10775-023-09624-9>

Martins, G. H. M., Mose, L. B., & Valentini, F. (2023). Fundamentos da avaliação psicológica e multidisciplinar no contexto de orientação profissional e de carreira. In R. A. M. Ambiel, M. R. Moreira, & V. V. Barros (Orgs.), *Avaliação em orientação profissional e de carreira: Fundamentos, planejamento e aplicação* (pp. 25–41). Hogrefe.

Martins, G. H. M., Salvador, A. P., Ambiel, R. A. M. & Noronha, A. P. P. (2023). Escala Andante de Interesses Profissionais (EAIP). In R. A. M. Ambiel. *Andando Juntos: orientação profissional e de carreira: método semiestruturado de orientação para construção de projetos de carreira* - Manual técnico do método - 3. ed. Campinas - SP. Manual não publicado

- Melo-Silva, L. L., Noce, M. A., & Andrade, P. P. (2003). Interesses em adolescentes que procuram orientação profissional. *Psic: Revista da Vetor Editora*, 4(2), 6–17.
- Recuperado em 16 de maio de 2025, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-73142003000200002&lng=pt&tlng=pt
- Melo-Silva, L. L., Oliveira, J. C., & Coelho, R. S. (2002). Avaliação da orientação profissional no desenvolvimento da maturidade na escolha da profissão. *PSIC - Revista de Psicologia da Vetor Editora*, 3(2), 44–53.
- Melo-Silva, L. L., Silva, L. M., & Venturini, P. F. (2005). Cartas que dizem muito: pais e filhos na orientação profissional. In C. P. Simon, L. L. Melo-Silva, & M. A. Santos (Orgs.), *Formação em psicologia: desafios da diversidade na pesquisa e na prática* (pp. 285–320). São Paulo, SP: Vetor.
- Moraes, B. R., & Weinmann, A. O. (2020). Notas sobre a história da adolescência. *Estilos da Clínica*, 25(2), 280–296. <https://doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v25i2p280-296>
- Moreira, M.B., & Medeiros, C.A. (2019). *Princípios básicos de análise do comportamento* (2ª ed.). Porto Alegre: Artmed.
- Murgo, C. S., Barros, L. O., & Sena, B. C. S. (2018). Associações entre Estilos Parentais, Interesses e Indecisão Profissional em Estudantes do Ensino Médio. *Psico-USF*, 23(4), 693-703. <https://doi.org/10.1590/1413-82712018230409>
- Organização Pan-Americana da Saúde. (2018). *Saúde do adolescente e do jovem*. <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-do-adolescente-e-do-jovem>

- Pereira, E. C., Ambiel, R. A. M., & Barros, L. O. (2017). Escala de congruência entre pais e filhos sobre escolha profissional: adaptação e propriedades psicométricas. *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. Vol. 18, No. 2, 221-231 DOI: <http://dx.doi.org/10.26707/1984-7270/2017v18n2p221>
- Pratta, E. M. M., & Santos, M. A. (2007). Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia Em Estudo*, 12(2), 247–256. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>
- Ribeiro, M. A., Uvaldo, M. C. C., Fonçatti, G., Audi, D. A., Agostinho, M. L., & Malki, Y. (2016). Ser adolescente no século XXI. In R. S. Levenfus (Org.), *Orientação vocacional e de carreira em contextos clínicos e educativos* (Cap. 1, pp. 13–23). Artmed.
- Rosseto, M. L. R., Souza, M. L., Soares, N. M., & Soares, L. M. (2022). Escolha profissional e adolescência: Velhas questões, novas reflexões. *Research, Society and Development*, 11(3), e56611326907. <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i3.26907>
- Salvador, A. P., Martins, G. H., & Ambiel, R. A. M. (2023). Escala Andante de Indecisão de Carreira (EAIC). In R. A. M. Ambiel, *Andando Juntos: orientação profissional e de carreira: método semiestruturado de orientação para construção de projetos de carreira* - Manual técnico do método - 3. ed. Campinas - SP. Manual não publicado
- Santos, L. M. M. (2005). O papel da família e dos pares na escolha profissional. *Psicologia em estudo*, 10(1), 57–66.
- Sawitri, D. R., Creed, P. A., & Zimmer-Gembeck, M. J. (2012). The adolescent-parent career congruence scale: Development and initial validation. *Journal of Career Assessment*,

21(2), 210–226. Recuperado de

<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/1069072712466723>

Schoen-Ferreira, T. H., Aznar-Farias, M., & Silvaes, E. F. de M.. (2010). Adolescência através dos séculos. *Psicologia: Teoria E Pesquisa*, 26(2), 227–234.

<https://doi.org/10.1590/S0102-37722010000200004>

Siegel, D.J. (2016). *Cérebro adolescente: O grande potencial, a coragem e a criatividade da mente dos 12 aos 24 anos*. São Paulo: nVersos.

Soares-Lucchiari, D. H. (1997a). O ideal de ego e o projeto de futuro profissional dos adolescentes. In R. S. Levenfus (Org.), *Psicodinâmica da escolha profissional* (pp. 47–95). Artes Médicas.

Sociedade Brasileira de Pediatria. (2022). *Manual de atendimento ao adolescente na atenção primária à saúde*. <https://www.sbp.com.br>

Teixeira, M. A. P., Bardagi, M. P., & Gomes, W. B. (2004). Refinamento de um instrumento para avaliar responsividade e exigência parental percebidas na adolescência. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, 3(1), 1-12.

Thomaz, C.R.C., & Neto, D.M.R. (2022). A construção do self na adolescência e 30 potenciais problemas relacionados. In A. S. U. Rossi, I. M. P. Linares, & L. C. Brandão (Orgs.), *Terapia analítico-comportamental com adolescentes* (pp. 31 44). São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento.

World Health Organization. (n.d.). *Adolescent health*. In *56th Directing Council / 70th Session of the Regional Committee of WHO for the Americas*. https://www.who.int/health-topics/adolescent-health/#tab=tab_1

Zeggio, L., & Dubiela, F. P. (2022). Aspectos biológicos na adolescência: é tudo culpa do cérebro?. In A. S. U. Rossi, I. M. P. Linares, & L. C. Brandão (Orgs.), *Terapia analítico-comportamental com adolescentes* (pp. 31-44). São Paulo: Centro Paradigma Ciências do Comportamento.

ANEXOS

Anexo 1 – Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Avaliação psicológica em orientação profissional e de carreira: um estudo sobre congruência entre pais e filhos

Pesquisador: MARIANA FRALETTI DE POLLI

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 84042024.3.0000.5481

Instituição Proponente: Pontifícia Universidade Católica de Campinas - PUC/ CAMPINAS

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 7.195.387

Apresentação do Projeto:

Considerando a influência familiar no processo de tomada de decisão, este estudo tem como objetivo avaliar a congruência entre pais e filhos quanto às expectativas e percepções sobre trabalho e carreira, conforme as relações de exigência e "responsividade" parental; bem como, os interesses profissionais de ambos. Os pais terão expectativas quanto à trajetória profissional de seus filhos. Os adolescentes serão questionados sobre suas expectativas profissionais e o entendimento que possuem sobre a vida profissional de seus pais. Essa pesquisa tem sua relevância na compreensão das dinâmicas familiares e suas influências na escolha profissional dos jovens, uma decisão que impacta significativamente o futuro desses indivíduos, da família e da sociedade em geral. Ao investigar a congruência entre pais e filhos em relação ao trabalho e carreira, essa pesquisa visa promover percepções sobre como as interações familiares podem influenciar os interesses e decisões profissionais dos filhos (p. 14).

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL: Avaliar a congruência entre pais e filhos sobre trabalho e carreira, considerando as relações de exigência e "responsividade" parental e os interesses profissionais. **OBJETIVOS ESPECIFICOS:** Analisar a relação entre os resultados da Escala de Congruência entre Pais e Filhos sobre Escolha Profissional (ECPF-EP), as respostas às entrevistas quanto ao conhecimento dos filhos acerca da vida profissional dos pais; Comparar os relatos dos pais sobre o compartilhamento de informações relacionadas à sua carreira com o

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida

CEP: 13.087-571

UF: SP

Município: CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 7.195.387

nível de indecisão profissional dos filhos, conforme indicado pela Escala Andante de Indecisão de Carreira (EAIC) e pela ECPF-EP; Examinar a relação entre os resultados da Escala de "Responsividade" e Exigência Parental (EREP) e a semelhança de perfil de interesses profissionais entre pais e filhos; Investigar o processo de construção de interesses por meio da narrativa obtida pela técnica Escores Transformados em Histórias (ETH).

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Participarão da pesquisa 4 pessoas, sendo 2 adolescentes que estejam cursando o 3º ano do Ensino Médio de escola pública ou privada, com a participação de um de seus responsáveis, pais ou cuidadores. Como critérios de inclusão, os adolescentes precisam estar estudando no momento da pesquisa, devidamente matriculados no terceiro ano do ensino médio de uma escola pública ou privada. E o responsável deve ser pai, mãe ou outra pessoa que seja legalmente responsável pelo adolescente. Por outro lado, os critérios de exclusão dos adolescentes são: ter experiência prévia de trabalho, formal ou informal, e ter passado por orientação profissional e de carreira previamente. Já dos responsáveis, serão excluídos aqueles que nunca tenham tido ao menos uma experiência de trabalho. Em termos de riscos, Entre os possíveis riscos, destaca-se o contato com temas que envolvam expectativas familiares, exigências e responsividade parental, que podem gerar desconforto emocional ou constrangimento. Para minimizar esses riscos, os participantes terão total liberdade para deixar de responder a qualquer pergunta da entrevista ou interromper sua participação a qualquer momento, caso se sintam desconfortáveis. Além disso, a pesquisadora, com ampla experiência clínica e em orientação profissional e de carreira, está apta para lidar com possíveis reações emocionais, garantindo uma condução ética e respeitosa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Este estudo pode trazer benefícios significativos. O envolvimento dos pais e filhos em uma investigação sobre interesses e escolhas profissionais, pode promover reflexões que, de outra forma, não seriam estimuladas. Os participantes terão a oportunidade de entrar em contato com informações e discussões que podem ajudar no processo de autoconhecimento e, consequentemente, facilitar futuras decisões relacionadas à carreira. Além disso, o debate sobre a congruência entre expectativas familiares e preferências profissionais dos filhos pode estimular um diálogo mais aberto e construtivo entre pais e filhos, fortalecendo a compreensão e o apoio no processo de escolha profissional.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Constam termos de assentimento; termo de consentimento; termo de autorização de utilização

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 7.195.387

de voz e imagens aos estritos fins da pesquisa; termo de consentimento de confidencialidade e de captura de dados pessoais e apontando quais os que serão solicitados; tem também o questionário.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto se encontra em conformidade com as normas éticas, sendo considerado aprovado.

Considerações Finais a critério do CEP:

Dessa forma, e considerando a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, e, ainda que a documentação apresentada atende ao solicitado, emitiu-se o parecer para o presente projeto: Aprovado. Conforme a Resolução CNS nº. 466/12, Resolução CNS nº 510/16, Norma Operacional 001/13 e outras Resoluções vigentes, é atribuição do CEP "acompanhar o desenvolvimento dos projetos, por meio de relatórios semestrais dos pesquisadores e de outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa". Por isso o/a pesquisador/a responsável deverá encaminhar para o CEP PUC-Campinas os Relatórios Parciais a cada seis meses e o Relatório.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2429261.pdf	04/10/2024 13:52:00		Aceito
Outros	TERMODEAUTORIZACAOUODEIMA GEMEVOZ_PAIS_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:51:16	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Outros	TERMO_DEAUTORIZACAO_DE_USO_DE_IMAGEM_E_VOZ_PARTICIPANTE MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:50:13	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Outros	Instrumentos_da_Pesquisa_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:47:47	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Outros	TERMODECONSENTIMENTOPARATRATAMENTODEDADOSPESSOAIS_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:47:11	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_RESPONSAB_CO MPROMISSO_E_CONFIDENCIALIDAD E_RodolfoAmbiel.pdf	04/10/2024 13:45:57	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Declaração de Pesquisadores	DECLARACAO_DE_RESPONSAB_CO MPROMISSO_E_CONFIDENCIALIDAD E_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:45:40	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D

Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571

UF: SP **Município:** CAMPINAS

Telefone: (19)3343-6777

E-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br



Continuação do Parecer: 7.195.387

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:44:57	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLEResponsavel_Adolescente_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:44:35	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_participante_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:43:07	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetodePesquisa_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:42:47	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Cronograma	Cronograma_da_Pesquisa_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:41:50	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_infra_on_line_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:41:29	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Orçamento	Declaracao_Custos_MarianaPolli.pdf	04/10/2024 13:41:00	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto_MarianaFralettidePolli_RodolfoAmbiel.pdf	04/10/2024 13:39:44	MARIANA FRALETTI DE POLLI	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 31 de Outubro de 2024

Assinado por:
Sérgio Luiz Pinheiro
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, nº 1516 - Bloco D
Bairro: Parque Rural Fazenda Santa Cândida **CEP:** 13.087-571
UF: SP **Município:** CAMPINAS
Telefone: (19)3343-6777 **E-mail:** comitedeetica@puc-campinas.edu.br

Anexo 2 – TERMO DE CONCENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE RESPONSÁVEIS)**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa intitulado “Avaliação psicológica em orientação profissional e de carreira: um estudo sobre congruência entre pais e filhos”, de responsabilidade do(a) pesquisador(a) Mariana Fraletti de Polli do Curso de Pós-Graduação Stricto Sensu em Psicologia, do Grupo Trabalho e Carreira: Pesquisa e Intervenção, com o objetivo de avaliar a congruência entre pais e filhos sobre trabalho e carreira, considerando as relações de exigência e responsividade parental e os interesses profissionais, A amostra será composta por 4 pessoas, sendo 2 adolescentes que estejam cursando o 3º ano do Ensino Médio de escola pública ou privada, com a participação de um de seus responsáveis, pais ou cuidadores.

O seu envolvimento nesse estudo é voluntário, e se dará a partir de dois encontros online: o primeiro com questionário sociodemográfico, entrevista semiestruturada e resposta à Escala Andante de Interesses Profissionais e o segundo encontro para realizar a técnica Escores Transformados em Histórias. O encontro será gravado na própria plataforma da Microsoft Teams, apenas para transcrição do áudio. Após a transcrição, áudio e vídeo serão descartados e nenhuma imagem será utilizada. As sessões terão duração de 60 a 80 minutos, sendo-lhe garantido que os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho, exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada.

A participação nessa pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional e, se desejar, a sua exclusão do grupo de pesquisa poderá ser solicitada, em qualquer momento.

A plataforma utilizada para a pesquisa é considerada segura, mas podem ocorrer falhas técnicas nos equipamentos, além disso, possíveis desconfortos emocionais ou constrangimentos relacionados a reflexões sobre expectativas familiares, exigências e responsividade parental podem acontecer. E os seus benefícios em participar envolve a oportunidade de entrar em contato com informações e discussões que podem ajudar no processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, facilitar futuras decisões relacionadas à carreira, bem como possíveis reflexões que, de outra forma, não seriam estimuladas. Além disso, caberá ao pesquisador manter em arquivo, sob sua guarda, por cinco anos, os dados da pesquisa, contendo fichas individuais e todos os demais documentos. Após este período, os dados serão descartados.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade da PUC-Campinas, telefone de contato (19) 3343-6777, e-mail: comitedeetica@puc-campinas.edu.br, endereço Rua Professor Doutor Euryclides de Jesus Zerbini, 1516, Parque Rural Fazenda Santa Cândida – CEP 13087-571 - Campinas – SP, horário de funcionamento de segunda a sexta-feira das 08h às 12h e das 13h às 17h, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos quanto à avaliação de caráter ético do projeto. Dúvidas com relação ao projeto/pesquisa, favor entrar em contato com o(a) pesquisador(a) responsável Mariana Fraletti de Polli, telefone de contato (11) 99650-3233 e-mail: marianapolli4@gmail.com.

Receberei por e-mail uma via deste termo.

Li o documento e

☐ Concordo com esse termo e quero participar da pesquisa

☐ Não concordo com esse termo e não quero participar da pesquisa

Anexo 3 - TERMO DE ACEITE LIVRE E ESCLARECIDO (TALE ADOLESCENTE)**TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TALE)**

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “Avaliação psicológica em orientação profissional e de carreira: um estudo sobre congruência entre pais e filhos”, coordenada pela pesquisadora Mariana Fraletti de Polli, celular (11) 99650 3233. Seus pais/responsáveis legais permitiram que você participe. Queremos saber se pais e filhos pensam de forma parecida sobre trabalho e carreira, levando em conta como os pais cobram e ajudam seus filhos, além dos interesses de cada um nas profissões.

Você só precisa participar da pesquisa se quiser, é um direito seu e não terá nenhum problema se desistir. Os adolescentes que irão participar desta pesquisa têm de 15 a 17 anos de idade.

A pesquisa será feita de forma online, onde você receberá um link para entrar na vídeo chamada, devendo estar com áudio e vídeo ligados. Teremos dois encontros, em dias diferentes, que deverão durar entre 60 e 80 minutos cada.

No nosso primeiro encontro será realizada uma entrevista e será solicitado que você responda aos seguintes instrumentos: Escala de Responsividade e Exigência Parental, Escala de Congruência entre Pais e Filhos sobre Escolha Profissional, Escala Andante de Indecisão de Carreira e Escala Andante de Interesses Profissionais. Ao término do primeiro encontro agendaremos a segunda sessão, em que será realizada a técnica Escores Transformados em Histórias, com os resultados da Escala Andante de Interesses Profissionais. Para isso, será usada a plataforma Microsoft Teams e o encontro será gravado na própria plataforma, apenas para transcrição do áudio.

Após a transcrição, áudio e vídeo serão descartados e nenhuma imagem será utilizada. Essa plataforma é considerada segura, mas podem ocorrer falhas técnicas nos equipamentos, além

de possíveis desconfortos emocionais ou constrangimentos relacionados a reflexões sobre expectativas familiares, exigências e responsividade parental.

Caso aconteça algo errado, você pode nos procurar pelos telefones que tem no começo do texto. Mas há coisas boas que podem acontecer, como a oportunidade de entrar em contato com informações e discussões que podem ajudar no processo de autoconhecimento e, conseqüentemente, facilitar futuras decisões relacionadas à carreira, bem como possíveis reflexões que, de outra forma, não seriam estimuladas.

Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Os resultados da pesquisa vão ser publicados em meios científicos, tais como a dissertação de mestrado e o artigo científico, mas sem identificar as pessoas que participaram.

ASSENTIMENTO PÓS INFORMADO

Nome: _____ Eu aceito participar da pesquisa “Avaliação psicológica em orientação profissional e de carreira: um estudo sobre congruência entre pais e filhos”. Entendi as coisas ruins e as coisas boas que podem acontecer. Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que isso não me trará nenhum prejuízo. A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis. Receberei por e-mail uma via deste termo.

Li o documento e

☐ Concordo com esse termo e quero participar da pesquisa

☐ Não concordo com esse termo e não quero participar da pesquisa

Anexo 4 - Questionário Sociodemográfico - RESPONSÁVEL

1. Nome do/a responsável: _____

2. Qual o seu grau de parentesco ou relação com o adolescente participante da pesquisa?

☐ Pai

☐ Mãe

☐ Outro responsável legal: _____

3. Idade: _____

4. Sexo:

☐ Feminino

☐ Masculino

5. Nível de escolaridade:

☐ Fundamental incompleto

☐ Fundamental completo

☐ Médio incompleto

☐ Médio completo

☐ Superior incompleto

☐ Superior completo

☐ Pós graduação incompleta

☐ Pós graduação completa

6. Qual o seu tipo de vínculo empregatício?

☐ CLT (empregado com carteira assinada)

☐ Autônomo

☐ Empresário

☐ Servidor público

☐ Desempregado

☐ Aposentado

☐ Outro: _____

7. Você já teve ao menos uma experiência de trabalho em sua vida?

☐ Sim

☐ Não (Critério de exclusão)

8. Renda familiar:

☐ Até 2 salários mínimos (até R\$ 2.640,00)

☐ De 2 a 4 salários mínimos (R\$ 2.640,01 a R\$ 5.280,00)

☐ De 4 a 6 salários mínimos (R\$ 5.280,01 a R\$ 7.920,00)

☐ De 6 a 10 salários mínimos (R\$ 7.920,01 a R\$ 13.200,00)

☐ Acima de 10 salários mínimos (acima de R\$ 13.200,00)

Anexo 5 - Questionário Sociodemográfico - ADOLESCENTE

1. Nome do/a adolescente: _____

2. Idade: _____

3. Sexo

☐ Feminino

☐ Masculino

4. Você está atualmente matriculado no terceiro ano do ensino médio?

☐ Sim

☐ Não (Critério de exclusão)

5. Sua escola é:

☐ Pública

☐ Privada

6. Você já teve alguma experiência de trabalho, seja formal (com carteira assinada) ou informal?

☐ Sim (Critério de exclusão)

☐ Não

7. Você já participou de alguma orientação profissional ou de carreira?

☐ Sim (Critério de exclusão)

☐ Não

Anexo 6 - Escala de Congruência entre Pais e Filhos sobre a Escolha Profissional - ECPF-EP

Para responder essa escala, você precisa pensar na pessoa responsável por você que também está participando dessa pesquisa. Informe aqui sobre quem você está respondendo - nome e grau de parentesco.

Pontuação para cada frase: De 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente)

- 1 - Meus pais me encorajam a explorar as áreas profissionais pelas quais eu estou interessado.
- 2 - Meus pais me apoiam nos meus planos profissionais
- 3 - Meus pais me mostram como adquirir informações de que eu preciso sobre meus interesses profissionais (exemplo: participar de palestras sobre profissões, consultar profissionais da área, etc.)
- 4 - Meus pais aprovam os planos que eu estou fazendo sobre meu futuro profissional.
- 5 - O progresso que eu atingi até agora sobre meus objetivos profissionais deixa meus pais felizes
- 6 - Meus pais me ajudam a explorar meus interesses profissionais (exemplo: comprando livros para mim, levando-me para feiras de profissões, etc.)
- 7 - Meus pais estão satisfeitos com o esforço que eu tenho feito para alcançar meus objetivos sobre a escolha profissional.
- 8 - Meus pais querem para mim a mesma profissão que eu quero.
- 9 - Meus pais e eu temos interesses profissionais parecidos.
- 10 - Os meus planos profissionais são semelhantes aos planos que meus pais têm para mim.
- 11 - Eu estou interessado nas áreas profissionais nas quais meus pais esperam que eu entre.
- 12 - Meus pais e eu temos a mesma forma de definir sucesso profissional.

Anexo 7 – Escala de Responsividade e Exigência Parental (EREP)

Para responder essa escala, você precisa pensar na pessoa responsável por você que também está participando dessa pesquisa. Informe aqui sobre quem você está respondendo - nome e grau de parentesco (mãe ou pai).

Pontuação para cada frase: De 0 (quase nunca ou bem pouco) a 4 (geralmente ou bastante)

A respeito de teu pai/mãe (que está participando da pesquisa) considere:

1. Sabe aonde vou quando saio de casa.
2. Controla as minhas notas no colégio.
3. Exige que eu vá bem na escola.
4. Impõe limites para as minhas saídas de casa.
5. Me cobra quando eu faço algo errado.
6. Tem a última palavra quando discordamos sobre um assunto importante a meu respeito.
7. Controla os horários de quando eu estou em casa e na rua.
8. Faz valer as suas opiniões sem muita discussão.
9. Exige que eu colabore nas tarefas de casa.
10. Me cobra que eu seja organizado(a) com as minhas coisas.
11. É firme quando me impõe alguma coisa.
12. Me pune de algum modo se desobedeço uma orientação sua.
13. Posso contar com a sua ajuda caso eu tenha algum tipo de problema.
14. Me incentiva a que eu tenha minhas próprias opiniões sobre as coisas.
15. Encontra um tempo para estar comigo e fazermos juntos algo agradável.
16. Me explica os motivos quando me pede para eu fazer alguma coisa.
17. Me encoraja para que eu melhore se não vou bem na escola.
18. Me incentiva a dar o melhor de mim em qualquer coisa que eu faça.
19. Se interessa em saber como eu ando me sentindo.

20. Ouve o que eu tenho para dizer mesmo quando não concorda.
21. Demonstra carinho para comigo.
22. Me dá força quando eu enfrento alguma dificuldade ou decepção.
23. Mostra interesse pelas coisas que eu faço.
24. Está atenta(o) às minhas necessidades mesmo que eu não diga nada.

Anexo 8 - Escores Transformados em Histórias - ETH

Procedimento:

Passo 1:

Observar:

- Processo de resposta ao instrumento

- o Compreensão de leitura e representação mental do conteúdo do item o

- Recuperação de memórias

- o Comparação de representações e memórias

- o Mapeamento da escala de medida e resposta

- o Talvez: edição da resposta?

- Reações verbais, expressões faciais, movimentos corporais

Depois do instrumento completo, perguntar:

- Como foi a experiência de responder ao teste de interesses? (Anotar a resposta e observar sinais de cognições e emoções)

- Solicitar que o cliente escolha entre 3 e 5 itens preferidos e rejeitados (os mais preferidos entre os preferidos; os mais rejeitados entre os rejeitados)

Retomar cada item e questionar: Por que, hoje, você gosta/não gosta dessa atividade?

Explorar experiências educacionais e laborais passadas – próprias e de pessoas importantes (modelos)

Atentar-se às narrativas sobre como as atividades tornaram-se prazerosas ou desconfortáveis.

Atentar-se às narrativas sobre oportunidades, barreiras, recursos próprios e do ambiente, suporte recebido, padrões de aprendizagem e tomadas de decisão

Itens preferidos escolhidos:

Itens rejeitados escolhidos:

Passo 2:

- Apresentar e discutir de forma estruturada os resultados da avaliação padronizada
- Após a leitura e compreensão, questionar sobre a concordância do cliente a respeito dos resultados
- ampliar a discussão usando as terminologias do instrumento (resultado) para traduzir em palavras autopercepções e autoconceitos visando o autoconhecimento

Você se vê nessa descrição? Como se integra com sua questão atual sobre carreira?

Anotações: